Secretaria de Estado
de Educação
do Rio de Janeiro
Ano II n.º 6

A HERANÇA QUE NOS ORGULHA

Nagayama Shuko, 1900-75

Tróia e Machado

A educação no Japão

Shodô
o caminho da caligrafia

A arte do Takô

Kurosawa
o olhar sonhador do gênio

Cartola

OUTUBRO - DEZEMBRO/2008

EDUCAÇÃO em linha

REVISTA ELETRÔNICA ANO II, N.º 6

GOVERNADOR
SERGIO CABRAL

VICE-GOVERNADOR
LUIZ FERNANDO SOUZA

SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
TEREZA PORTO

CHEFE DE GABINETE
JOSÉ RICARDO SARTINI

SUBSECRETÁRIA DE GESTÃO DA REDE E DE ENSINO
TERESA COSETTI PONTUAL

SUBSECRETÁRIO DE GESTÃO DE REC. E INFRA-ESTRUTURA
JULIO CESAR MIRANDA DA HORA

EDITORES
HELENICE VALIAS E JOHN WESLEY FREIRE

ILUSTRADORES
ANTONIO SILVÉRIO CARDINOT DE SOUZA
E RAFAEL CARNEIRO MONTEIRO

AGRADECIMENTOS

Aos acadêmicos da ABL Arnaldo Niskier e Nélida Piñon; a Alex Sakatsume, Amélia Maria Noronha Pessoa de Queiroz, Angela Lopes, Bertha Nakao, Cesar Hirasaki, Donato Aranda, Fabio Shin, Jhony Arai, Ken Yamazato, Masuyo Otsuka, Nehemias Monteiro Junior, Nelson Rodrigues Filho, Nelson Savioli, Reiko Yanai, Toshihiko Tsutsumi e Welington Machado pela cessão graciosa de seus artigos, e a Mônica Lampreia, por seu texto e fotos.

À inestimável colaboração de Nobuo Yanai, gerente geral do Instituto Cultural Brasil-Japão, e a de Vanessa Ros, assessora cultural do Centro Cultural e Informativo do Consulado do Japão, que nos indicaram caminhos.

À Aliança Cultural Brasil-Japão, e às editoras Callis, Global, JBC, Moderna, Pinakotheke, Rocco, seus autores e ilustradores; a Alexandre Sammogini, Bruna Zunhiga, Camila Perlingeiro, Cíntia Borges, Débora Rodrigues Quaglio, Guilherme Loureiro, Hiroko Nishizawa, Kate Oshio, Lisabeth Bansi, Lucia Jurema Figueirôa, Luciana Dotto e Regina Angélica, pela gentil colaboração à feitura deste número.

À Angela Duque e Maria Regina Leitão, pela competente arte-final da revista.

Aos colegas da Seeduc/RJ, Antonio Silvério Cardinot de Souza e Rafael Carneiro Monteiro, colaboradores de sempre, com suas belas artes; a Edwiges Rosália Ferreira, por seu texto; e aos que nos ajudaram a viabilizar esta edição: Ailce Malfetano Mattos, Alexandre Chimenti, Ana Christina de Oliveira, Eliane Bardanachvili, Gisela Cersósimo, Ivanete Puell, Marcelo José Dreux de Almeida, Maria de Lourdes da Silva Machado, e Simone A. Pinto.

SUMÁRIO

03 Palavra da Secretária
04 Editorial
05 A educação no Japão
07 Tróia e Machado
11 Haicai brasileiro: raízes japonesas, frutos tropicais
13 A herança que nos orgulha
15 Shodô – o caminho da caligrafia
17 O jardim japonês
19 Chadô – o caminho do chá
22 Essência do Ikebana – arte tradicional japonesa de arranjo floral
23 Bushi-dô, o caminho do Samurai
25 A arte do Takô nos céus do império do Sol Nascente
27 Kurosawa – o olhar sonhador do gênio
30 A culinária japonesa invade o Brasil
31 Divagações de um leitor
32 *Machado de Assis: o Rio de Janeiro de seus personagens* (Resenha)
33 *Cartola* (Resenha)
34 *Arigatô – a emocionante história dos imigrantes japoneses no Brasil* (Resenha)
35 *Papel e tinta: artes do Japão* (Resenha)
36 *Haicais completos* (Resenha)
37 *Tomie Ohtake* (Resenha)
38 *Contos populares japoneses* (Resenha)
39 *Urashima Taro – a história de um pescador* (Resenha)
40 Atestado
41 Pleonasmo: vício ou virtude?
42 Poluição atmosférica, aquecimento global e combustíveis renováveis
44 Origami, a arte de dobrar papel: simples assim
46 Cartola
49 A Matemática no Universo: do macro ao microcosmo
52 O que é Mangá?
54 Passatempo
55 Fala, leitor

Permitida a transcrição, desde que sem fins comerciais e citada a fonte.
Os conceitos emitidos representam unicamente as posições de seus autores.

Contato com os editores: *educacaoemlinha@educacao.rj.gov.br*

PALAVRA DA SECRETÁRIA

Tereza Porto

Mais uma vez, *Educação em Linha* chama nossa atenção para as origens da cultura brasileira e a forma rica com que veio se constituindo. Nesta edição, voltamo-nos para a influência recebida do Japão, em homenagem ao centenário da imigração japonesa no Brasil, que se comemorou ao longo do ano de 2008. As páginas da revista nos levam a um verdadeiro passeio pela arte, história, filosofia e costumes desse povo. À medida que tomamos conhecimento das informações ali contidas – e tão bem apresentadas –, vamos também nos descobrindo um pouco mais.

Suzuki Harunobu, Mulher com leque no muro do jardim. Período Edo, 1776-70

Poesia, dobraduras, geografia, imigração, caligrafia, cinema, são muitos os temas explorados pelos autores convidados. Os artigos da seção *Leitura, leituras* dão uma idéia dessa diversidade. "Shadô – o caminho da caligrafia" vai nos lembrar que, enquanto os caracteres foram criados pela necessidade do registro, a caligrafia, uma arte, decorre "do coração do ser humano, que anseia pela beleza".

Já em "Kurosawa – o olhar sonhador do gênio", Nelson Rodrigues Filho mostra como o cineasta japonês Akira Kurosawa fez com a câmera mais do que pensou em fazer com tintas e pincéis, quando sonhou em ser pintor. "Uma herança que nos orgulha" recupera as emoções vividas pelos 250 mil japoneses que fizeram do Brasil sua nova pátria, cem anos atrás. "Haicai brasileiro: raízes japonesas, frutos tropicais"; Essência do Ikebana – arte tradicional japonesa de arranjo floral"; e "A culinária japonesa invade o Brasil" são outros dos muitos títulos sugestivos, que nos convidam a querer saber mais.

Cabe destaque ao artigo "A educação no Japão", do professor Arnaldo Niskier, registro do que ele próprio testemunhou na Terra do Sol Nascente e que muito interessa a quem lida, direta ou indiretamente, com o dia-a-dia da sala de aula. Por meio de seu texto, ficamos sabendo que a escola japonesa, em tempo integral, tem na leitura e no respeito ao livro um de seus grandes marcos, o que produz nítido efeito entre as crianças.

Esta edição nos brinda, também, com textos sobre outras temáticas, como o artigo de Nélida Piñon que homenageia Machado de Assis, ainda no ano do centenário de sua morte. Assim como ocorre com a Tróia de Homero, o Rio de Janeiro é a cidade escolhida por Machado de Assis, como "epicentro, feudo, moradia de sua obra". Temos, ainda, a oportunidade de ler sobre o grande compositor Cartola, cujo centenário comemoramos. O texto é organizado de forma a nos presentear com trechos da bela composição *O mundo é um moinho*.

É possível ler também sobre aquecimento global, matemática, gramática...

Façamos todos bom proveito!

Tereza Porto
Secretária de Estado de Educação

EDITORIAL

Lembrando o centenário de morte do *Bruxo do Cosme Velho*, homenageado ainda nesta edição, publicamos o instigante ensaio *Tróia e Machado*, de Nélida Piñon, da ABL, que paraleliza a influência da *polis* na *Ilíada* e nos escritos de Machado.

Pelo centenário da imigração japonesa no Brasil, apreciamos – sem esgotar a riqueza, a extensão e a profundidade –, seu aporte à cultura nacional. Como em edições anteriores, abrimos janelas para o oceano das contribuições de outras culturas aos brasileiros.

Enquanto visitamos povos cuja influência multicentenária amalgamou-nos valores e percepções, sendo-nos familiares, nossa relação é mais recente com a cultura japonesa, mas os artigos destacam sua diversidade. Por vários meios, buscam eles o *Caminho – Dô,* daí tantas palavras com tal sufixo: *Chadô, Shodô, Bushi-dô, Kadô, Kendô...* mas não é caminho físico, é filosófico, espiritual: representa a trajetória interior e no mundo, traz noção de transcendência, de evolução pessoal através de práticas, seja no uso de armas, na preparação do chá, na mestria caligráfica, na arte do arranjo floral ou em outras.

Assim, o Prof. Arnaldo Niskier, da ABL, expõe em *A educação no Japão*, sua admiração por ela.

Com Haicai brasileiro: raízes japonesas, frutos tropicais, Nelson Savioli, pela metáfora do *grilo*, apresenta esta bela e sintética poesia, da qual é renomado autor.

Em *A herança que nos orgulha,* Jhony Arai e Cesar Hirasaki traçam a saga dos pioneiros japoneses no Brasil, suas vicissitudes e a importância de seus descendentes. Dos autores, resenhamos *Arigatô – a emocionante história dos imigrantes japoneses no Brasil*, ed. JBC.

Com *Shodô – o caminho da caligrafia*, Reiko Yanai mostra que, para escrever ideogramas sem erro, a concentração é essencial. Daí, fazer parte da educação básica japonesa.

O jardim japonês, de Mônica Lampreia, demonstra que a economia de elementos e o minimalismo caracterizam o paisagismo nipônico sem prejuízo da beleza.

Em *Chadô – o caminho do chá* – Bertha Nakao mostra que pela cerimônia se alcança *harmonia, respeito, pureza e tranqüilidade.*

Com *Essência do Ikebana – arte tradicional japonesa de arranjo floral*, Masuyo Otsuka augura que sua beleza sirva para promover a união dos povos.

Toshihiko Tsutsumi, em *Bushi-Dô – o caminho do Samurai*, nos mostra que a vitória do guerreiro sobre si mesmo importa mais que a derrota do outro.

Ken Yamazato, com *A arte do Takô nos céus do império do Sol Nascente*, revela os múltiplos usos da pipa naquele país e seu encantamento no nosso.

Em *A culinária japonesa invade o Brasil*, Alex Sakatsume diz que já incorporamos a comida japonesa aos nossos hábitos alimentares, pois servimos até *sushi* com feijoada...

Na matéria *Kurosawa – o olhar sonhador do gênio*, Nelson Rodrigues Filho nos revela a razão da plasticidade dos filmes do diretor: ele queria ser pintor...

Em *Origami – a arte de dobrar papel: simples assim*, de Edwiges Rosália Ferreira, aprendemos que esta arte também contribui para a elevação do homem.

Falando sobre a arte do *Mangá*, Fabio Shin expõe suas características, comemora o sucesso e o encantamento do público.

Com *Poluição atmosférica, aquecimento global e combustíveis renováveis* Donato Aranda e Nehemias Monteiro Jr. mostram que combustíveis alternativos, conhecimento científico e criatividade são soluções inovadoras e viáveis.

A Matemática no Universo: do macro ao microcosmo, da Prof.ª Amélia Maria Noronha P. de Queiroz, demonstra que esta ciência perpassa os avanços científicos, embasando-os e realimentando-os.

Celebrando *Cartola,* Welington Machado mostra que o centenário compositor permanece conosco, exalando a beleza que guardou da vida no *moinho do mundo*. Em *Cartola*, ed. Callis, ilustrado por Angelo Bonito, Edinha Diniz aponta a influência familiar e as tradições populares despertarando no menino os dons que o tornaram famoso.

Em *Divagações de um leitor,* Angela Lopes propõe aos que desejam ver de olhos fechados que vivam histórias e sensações do poema, pela leitura.

No *Machado de Assis: o Rio de Janeiro de seus personagens*, ed. Pinakotheke, Henrique Rodrigues apresenta a cidade como um dos personagem do escritor.

Tomie Ohtake, de Lígia Santos e Lígia Rego, ed. Moderna; *Papel e tinta: artes do Japão,* ed.Callis, de Nereide S. Santa Rosa e ilustrações de Camila Mesquita; *Contos populares japoneses*, ed. Rocco, de Adriana Lisboa e ilustrações de Janaina Tokitaka; e *Urashima Taro – a história de um pescador*, ed. Global, texto e ilustrações de Lúcia Hiratsuka, e *Haicais Completos*, editado pela ACBJ, de Guilherme de Almeida, vários ilustradores, completam a seção *Nossa Biblioteca.*

Atestado, e *Pleonasmo: vício ou virtude?* – foram temas de redação e gramática abordados pelos editores. E Antonio Silvério outra vez nos desafia com seu *Passatempo.*

Para nossa alegria, e atendendo a inúmeros pedidos, neste final de ano a Secretária Tereza Porto nos presenteia com a autorização para imprimir a revista. Boas festas!

HELENICE VALIAS E JOHN W. FREIRE
Editores

A EDUCAÇÃO NO JAPÃO

ARNALDO NISKIER

O que nos impressiona, no Japão, é o cuidado com a educação. A escola é para todos, de tempo integral, com forte apoio, como elemento de enriquecimento, na programação televisiva da rede NHK, certamente das maiores do mundo.

Concurso de caligrafia

Ao sermos recebidos na Rede NHK, em Tóquio, no que talvez seja a maior rede do mundo em termos educativos, soubemos que o sistema começou há 82 anos como rádio. Na verdade, é semi-pública, pois os cidadãos pagam taxas de 14 dólares por mês para assistir à TV terrestre e 25 dólares quando assistem às imagens via satélite. O Governo não precisa ajudar as emissoras, que têm da população um nível de satisfação da ordem de 70%. Isso não impede que 10% tenham desistido de pagar. A razão? Um dos mistérios orientais.

O Japão tem 127 milhões de habitantes. Pois a Rede NHK opera com 11.600 funcionários, para administrar 13 canais domésticos analógicos e digitais. Até 2011 será tudo digital, cuja imagem é mesmo muito superior (alta definição). Vimos experimentos que demonstram isso (*BS – Hivision*). Perguntamos se eles ainda distribuem material de apoio impresso. A resposta é negativa. A NHK produz para desenvolver atividades nas escolas. Exemplo: um professor de Ciências descobriu uma forma de ensinar mais adequadamente tudo sobre ofídios. Ele ganha um espaço para mostrar aos demais o caminho aberto. Não há o emprego de educação a distância como a entendemos, ou seja, dando cursos. Isso é papel da escola, todas elas de tempo integral, e com grandes incentivos à tarefa dos professores.

Esses subsídios são úteis para saber como aplicar à realidade brasileira, totalmente diferente.

Na visita feita à "Tokyo Library for Children", numa tarde ensolarada, aprendemos que nas suas atividades a televisão não entra. "Não é preciso", diz uma das suas diretoras, "pois estamos exatamente interessados em fortalecer o gosto pela leitura". A biblioteca, a que comparecem diariamente dezenas de escolares da região, desenvolve, por intermédio de cursos e narrativas, o interesse das crianças. Ali encontramos livros brasileiros, como os de Roseana Kligerman Murray e Mirna Pinsky.

O processo é simples: livros são emprestados por um pequeno prazo, para estimular os pais a lerem para as crianças (a partir dos três anos), antes de dormir. São sobretudo contos de fadas, os mais apreciados. A dinâmica é sintomática: as crianças é que pedem aos pais para ler. Quando gostam de uma história, ela é repetida outras vezes. No dia seguinte, relatam na escola o que ouviram. E dão a sua interpretação. Aliás, o respeito aos livros é tão grande que as crianças, antes de pegá-los, na biblioteca, são instruídas a lavar as mãos e tratá-los com o maior carinho.

Não é de estranhar, pois, que os seus principais jornais tenham 11 e 10 milhões de exemplares diários, consumidos principalmente via assinaturas.

As relações com o Brasil, povo a povo, são extremamente carinhosas. Eles têm um certo orgulho de existir, em nossa terra, uma comunidade de 1,4 milhão de japoneses, que por aqui encontraram terra acolhedora e de grandes oportunidades de trabalho (em compensação, lá, vivem 300 mil *dekasseguis*, que não esquecem as suas origens brasileiras – os filhos estudam em 96 escolas que dão aulas em língua portuguesa).

A Fundação Cultural do Japão ocupou-se do centenário da imigração japonesa para o Brasil. Os primeiros 700 vieram no navio Kasato

Maru, em 1908, aportando em Santos, depois de 52 dias de viagem.

Segundo dados do Datafolha, 82% dos membros da comunidade *nikkei* dizem entender "mesmo que pouco" o idioma japonês.

Quase a metade (46%) dos japoneses ou descendentes afirmou saber ler e escrever um pouco (menos de 43%) nos difíceis alfabetos japoneses – existem três: os ideogramas *kanji*, herdados dos chineses, e dois silabários *hirogana* e *katakana.*

OS DEUSES DA NATUREZA

Visitar o Japão é sempre um prazer, além de representar um aprendizado. A comprovação prática do que afirmamos pôde se vista na ida a Kyoto e a participação na solenidade de formatura das turmas de línguas estrangeiras da sua universidade. Rapazes bem vestidos e moças preferencialmente de quimono, fazendo o juramento de servir à pátria. Antes, numa visita à biblioteca de obras raras, tivemos a surpresa de conhecer livros impressos em papiro, coloridos, nos anos 1800, com o texto em português de diversos contos japoneses. Influência ainda da presença de jesuítas naquelas paragens.

Há uma grande integração com empresas do porte da Toyota Motors (que se aproxima dos resultados da GM), JR Tokai (estradas de ferro), Chubu (companhia de energia elétrica), e outras, ligando o ensino obrigatório e de tempo integral, no Japão, às futuras oportunidades de emprego. Hoje, tornou-se possível criar escolas administradas por empresas, num entrosamento há muito recomendado por grandes especialistas, como foi o caso de J.K. Galbraith. São sete milhões de alunos no ensino elementar e mais sete milhões nas escolas de ensino médio, divididas entre o nosso antigo ginasial e o colegial. A tendência vigente dos alunos é seguir o ensino superior. O que é natural, pois o índice de obtenção de emprego dos novos graduados alcançou o percentual de 95,3%. Os números falam por si.

Formandos em Língua Portuguesa, Universidade de Kioto

Registra-se um grande cuidado no trato da questão do magistério. O valor dos salários é apreciável, com 1/3 dos professores de escolas públicas sendo subsidiados pelo Governo. O valor médio dos salários, na educação básica, é de 3.800 dólares, enquanto nas universidades fica em torno de 4.650 dólares. É ligeiramente superior à remuneração dos funcionários públicos em geral, o que vem ocorrendo desde o governo do ex-ministro Kakuei Tanaka, na década de 70. Hoje há dificuldades, em virtude da situação financeira negativa. Isso levará o sistema a privilegiar não mais a subida periódica de posição em virtude da antiguidade. Valerá mais quem tiver melhor formação profissional. No Brasil, existe desde a Lei nº 5692/71 um artigo que manda pagar aos professores de acordo com o nível de formação. Nunca entrou em vigor.

Outro fenômeno que observamos. No império do Sol Nascente, discute-se como reconstruir o sistema de ensino público, que estaria piorando em virtude do que eles chamam de "deterioração das classes populares", mesmo que seja uma sociedade com nítida redução demográfica. A Lei Básica Pedagógica, a mesma há 59 anos, recebeu em dezembro de 2006 emendas esclarecedoras: 1) deve-se ensinar a ordem pública e ter consciência das normas sociais, para evitar que se pense somente no próprio direito, com o perigo de se perder o espírito de benefício público; 2) Estipula-se também uma nova idéia, tendo como ponto importante o respeito às tradições, à cultura e às pessoas de outros países. Uma guinada digna de registro, criando-se uma sociedade onde os jovens possam ter sonhos e refazer seus desafios.

A leitura é valorizada nas escolas e no lar, a TV Educativa presta relevantes serviços à educação, reproduzindo experiências vitoriosas de professores em suas classes, e procura-se reduzir as diferenças sociais com o aumento do grau de liberdade e de escolha.

ARNALDO NISKIER
Professor, escritor
Membro da Academia Brasileira de Letras

TRÓIA E MACHADO

NÉLIDA PIÑON

Helena, Antonio Canova, séc.XIX

Ao longo da leitura da *Ilíada*, Tróia resiste ao assédio grego. O poema esgota-se sem suas muralhas fraquejarem, a despeito dos prenúncios trágicos que se avizinham, relativos ao seu futuro.

As muralhas, contudo, distantes do mundo, em particular das tendas gregas, são a face visível de uma cidade lendária, guardada por trás das pedras, e que nunca se enxerga por dentro. A nós cabendo, então, imaginar seus palácios, o roteiro de suas vielas, tudo, enfim, que configure a existência de uma cidade a serviço de personagens como Hécuba, Príamo, os progenitores de complexa grei. Todos atados pelo nó cego da tragédia.

É da muralha de Tróia que se avistam os gregos. A muralha dá ciência, a quem a contemplasse de fora, que, de fato, existe uma cidade, modelo literário ideal para Homero. É dessa muralha, ainda, que a lendária Tróia, no curso dos 24 livros, protagoniza a cultura da contemplação, que a leva a fiscalizar os adversários do alto de suas pedras, e a cultura da ação, que obriga a seus guerreiros o uso permanente de escudos, elmos, do armamento que combata os recursos de combate a Aquiles, Agamenon, Ulisses.

A vida, em Tróia, parece fluir de forma que Homero se exima de lhe registrar a apreensão, a forma, a fome, as enfermidades. Mas permite-nos observar com que paciência e denodo Tróia testemunha o interminável cortejo dos mortos que sucumbem à sua vista.

Cada homem, grego ou troiano, que ali tomba, cumpre os ditames do destino, enquanto reclama para si a fidelidade à épica, de caráter sempre exacerbado – isto é, quando a feição de herói é perpetuada pela memória. Só assim ganha ele ciência de não haver vivido em vão.

Homero trata de equilibrar a narrativa por meio de sábia estratégia. Ora torna visíveis os feitos, tecidos com meticulosas descrições, ora esquiva-se de descrever até a celebrada beleza de Helena, causa primeira da guerra. E recusa-se ainda de fornecer à imaginação do leitor indícios quanto ao exato formato da cidade arcaica. A despeito, porém, de tal silêncio, Homero convence-nos da força persuasiva de Tróia, como centro urbano, quer para os gregos, aglutinados em torno de suas muralhas, como para outros povos vizinhos, igualmente submissos à sua aura mítica. Altaneira, a *polis* desafiava adversários, deuses, no notável afã de tornar-se modelo perfeito de uma geografia imaginária, a única, por sinal, capaz de absorver a prodigiosa força narrativa do rapsodo Homero.

Séculos mais tarde, no continente americano, distante, pois, do primado lendário de Tróia, Machado de Assis, o primeiro grande romancista da América Latina, imbuído de leituras clássicas, decide eleger uma cidade, a do Rio de Janeiro, como epicentro, feudo, moradia, de sua obra. E para não sofrer a tentação de abandoná-la, mesmo a pretexto de um dia, quem sabe, visitar a Europa, ele a cerca de sólidas muralhas, imitando assim Tróia.

Nascido em 1839, o escritor respira a discreta e dissolvente atmosfera imperial da cidade.

Ruínas das muralhas de Tróia (sítio arqueológico na Anatólia, Turquia)

Enverga trajes europeus, obedece a horários, ostenta gestos discretos, que o confundem com um burguês cauteloso. A cada dia percorre as ruas do centro, a caminho do trabalho. À cata dos ruídos humanos, vence logradouros. Na rua do Ouvidor, ao saudar conhecidos à porta da Confeitaria Colombo, belo exemplar *Art Nouveau*, Machado recolhe de imediato eloqüentes depoimentos, tênues sussurros, antes mesmo que a fagulha humana se apague.

Decerto ainda lhe soam aos ouvidos a história da inesperada chegada à cidade, no início do século XIX, precisa ente em 1808, do príncipe regente Dom João. Tangido de Portugal pelas forças napoleônicas, com Junot à frente, trouxe ele consigo 40 barcos, a Corte portuguesa, constituída de mais de 16 mil criaturas, e ainda móveis, jóias, animais, e a Biblioteca Real inteira, famosa pelos preciosos incunábulos, em meio ao bacalhau, às sardinhas salgadas. Todos desembarcados de uma só vez, e no mesmo dia, numa cidade que até então contava com apenas 75 logradouros e população de 60 mil almas.

Um príncipe que, em Portugal, vivia encerrado no Palácio de Mafra, enfadado com o próprio destino. Tão logo desembarcado no Rio de Janeiro, tornou-se convicto andarilho, encantado pela beleza da paisagem. Enquanto precavinha-se em não cruzar com a esposa, dona Carlota Joaquina, com quem repartia a sorte de haver tido, às pressas, os seis filhos exigidos pela Coroa, nas escassas vezes que se encontraram no leito. E com a vantagem ainda de alguns destes rebentos terem sido concebidos fora do leito conjugal.

Cercado, pois, de tais heranças, e de outras mais sombrias, Machado de Assis elege o Rio de Janeiro como seu modelo literário. Sua imaginação instala-se na cidade. É nela que decide apreender seus recônditos registros. E, tendo a cidade como telão de fundo, arma nela o cenário ideal para ambíguos personagens e complexas tramas.

Para Machado de Assis, a cidade é poderosa manifestação poética. Um labirinto que favorece suas reflexões e do qual não quer sair, atraído pelas suas zonas de sombra. Passagem obrigatória para o fluxo da paixão humana. Pois bem sabe o escritor que o homem, este enigma histórico, sonhou alcançar uma visão cósmica, uma ordem espiritual, através da construção das cidades. E que, a algumas delas, pretendeu imprimir uma orientação cívica e política.

E não terá Machado decerto ignorado que os hábitos mentais dos gregos, desde muito cedo, imprimiam em tudo que faziam um conceito harmonioso e indissolúvel da realidade visível, aí incluindo a visão da *polis*. A arquitetura e o urbanismo bem ilustravam esta mentalidade. Por isso para o arquiteto grego, o cenário, sob os seus cuidados, eram tão importante quanto o templo, que alojava deuses e homens crédulos. Ao planejar, pois, seu trabalho, via-o em oposição ao conjunto. Punha à prova a resistência estética do que havia em torno. Dessa forma, o vento, o arco do céu, as pedras engalanadas ganhavam expressiva consideração. Tudo devia permitir à acrópole grega alcançar a plenitude de suas elevadas funções.

Ele próprio, personagem essencial de sua biografia, desce o morro da Gamboa, onde nascera, o altiplano da humilhação, para instalar-se na planície. Enquanto descia o morro, ao largo de penosa aprendizagem, fazia prosperar seus sentimentos pessimistas. Afinal, Machado de Assis via de perto, naquela cidade, os negros escravos, de que se originara. Aliás, na sua adolescência, o tráfego negreiro, embora há muito abolido, prosseguia através de desembarques clandestinos. A sensibilidade à flor da pele, a saúde delicada, a esposa branca, os preconceitos vigentes sempre lhe impediram mencionar de forma frontal a sua ancestralidade africana. Ou destacar, em sua obra, com proeminente relevo a questão negra. Em compensação, se não é o negro extensamente retratado em sua magistral criação, credita aos brancos, como represália, sórdidos sentimentos. Aliás, no romance *Dom Casmurro*, expressa sua repulsa pelo tráfego negreiro, listando-o como abominável prática da humanidade.

Talvez seu agnosticismo, na linha de Renan, se tenha originado da grave suspeita de Deus não poder existir se permitiu a prática de tal crime. Um

degredo que, às escondidas, lhe profanava o espírito já em si destituído de qualquer esperança.

Menino ainda, graças a Dom Pedro II, muito terá aprendido em relação aos Habsburgos, uma estirpe de mandíbulas prognatas que mal podiam mastigar e digerir a comida. Algumas vezes, de longe, viu o Imperador, acalentou ideais monarquistas. Natural, assim, que o Brasil dinástico lhe ocupasse a obra. E que a República, quando instalada, não o entusiasmasse. A política, porém, cujo percurso moral cobiçava conhecer, perfeita alavanca para impulsionar a corrupção dos homens, esta Machado colhia nas redações dos jornais, no Senado, nas celebres confeitarias, nos boatos engendrados pelas modistas, pelas cocotes, pelo povo modesto que vivia no Morro do Castelo, à beira do cais, todos personagens de seus romances.

Em meio à campanha abolicionista, Machado analisa o enfraquecimento da vida rural, em favor da cidade. O campo, tão logo começa a perder sua autoridade política, debilita o rumo da epopéia, gênero heróico para circunstâncias heróicas. As peripécias, assim, associadas às peregrinações rurais, empalidecem, perdem provisoriamente suas motivações. A história passava a concentrar-se voluntariamente na *polis*, agora irrigada pela persuasão metafísica do discurso narrativo.

Contrário ao patriarca José de Alencar, cuja literatura inocentava a natureza, Machado elege a *polis* como modelo do real e centro do mundo. Um centro de caráter quase sagrado, em permanente conflito com as prédicas, as profecias, as transgressões profanas.

Enquanto os templos foram outrora traçados pela fé de um rei, ou mediante o sonho de um profeta, originando-se, portanto, de uma substância divina – e exemplo disto é Jeová mostrando a Moisés os planos do futuro santuário, e David igualmente apresentando a Salomão as plantas de uma construção do que pudesse ser réplica do desejo celeste – as cidades nasceram da premência e da imaginação humana. Uma gênese em tudo semelhante, segundo os cânones estéticos de Machado, à construção do universo romanesco, obra por excelência oriunda do homem.

E isto porque, se o sagrado precisava assegurar ao homem que as edificações eram passíveis de perdurar, Machado, ante a iminência de uma realidade instável e cética, quer oferecer, em contrapartida, ainda que sob a forma de mito, uma obra igualmente estável.

Como remanescente da cidadela medieval, que hierarquizava os sentimentos sociais, a cidade apropria-se dos que vivem em seu círculo. Sob tal custódia, este burgo de Machado, o Rio de Janeiro, sanciona a história que ele elegeu contar. Ela autentica a trama alojada nas alcovas, no interior das carruagens, como muitas vezes ocorre em seus romances. Ela releva o que é periférico e epicêntrico, ao mesmo tempo.

> "Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloqüente que exprime todos os sentimentos do mundo."
>
> *In Contos avulsos. M. de Assis*

No seu memorável romance *Esaú e Jacó*, Machado de Assis diz: "Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira." Mas de que espécie de cidade nos fala ele? Acaso do cenário da representação, de um palco capaz de abrigar arquétipos, fragmentos da memória? Quase um cenário de papelão desta mesma memória. Ou estará a referir-se à memória verbal?

É através da cidade, contudo, que ele expressa sua forma de pensar o mundo. Pelas ruas, fachadas, sobradões de Machado de Assis, sabemos por onde andou seu pensamento. Por onde esteve, vigilante e inquieta, a sua obsessão. Sabemos, ainda quando o pensamento e a imaginação, conjugados, expressaram a natureza de sua organização espacial.

O fato é que Machado de Assis, em sua obra, bate-se por capturar o sentido iniciático das cidades, em penetrar-lhes o mistério. Aquela substância que subjaz nos porões,

Rua do Ouvidor, Marc Ferrez, s/d

nos subterrâneos. Para tanto, ele prescinde das descrições paisagísticas, diverge da exacerbação detalhista, então em voga. A paisagem do seu imaginário não é panorâmica. O mundo interior, sim, estende-se pelo horizonte, impõe sua visão de morte. Nesta geografia que nos subjuga, ele elabora a marcha humana por meio de pequenas partes que se juntam às outras, como num jogo de armar. Um jogo que acentua seu refinado processo associativo. Processo este que, induzindo-o a pinçar detalhes oriundos da criação, lhe fornece metáforas, símiles, imagens, material de suporte poético, elementos paradigmáticos da memória.

Decerto conheceu a expressão de Pascal, a quem Machado tanto admirava: "O eterno silêncio destes espaços infinitos". O que lhe facilitou ingressar, com audácia, e por efeito do imaginário analógico, na caverna de Platão, na *polis* grega, nos burgos germânicos, no ópido dos etruscos, na *Jerusalém libertada*, de Tasso. Lugares todos de encontro e de proteção, trincheira dos sentidos e das iras. Espaços que outrora se esvaziaram com as deserções e os traslados dos homens. As mesmas criaturas que voltavam mais tarde aos mesmos territórios, precários alojamentos, sempre que careciam de efetuar as cerimônias cívicas e religiosas. Uma agitação intermitente que ia aos poucos, sob o impulso restritivo e liberalizador da civilização, cancelando esta função nômade, até acomodar o homem dentro dos limites da cidade.

É sob a proteção de um imaginário de largo espectro cultural, que Machado de Assis pede de empréstimo às outras cidades, que jamais visitou em vida, a forma ideal de *polis*. No mapa-múndi do seu peregrino coração, a cidade do Rio de Janeiro de Homero, de Dante, de Goethe, de Pascal, com sua Port-Royal, dos acampamentos hebraicos, onde o Eclesiastes foi concebido.

A visita à cidade, para Machado, é de fato excursão a Dedalus. As dimensões do palácio de Cnossos se reduzem com o registro de sua memória. Assim ao procriar tramas, intrigas, artimanhas, o autor manobra com as mesmas armas daquele arquiteto que quis aprisionar a figura bestial do Minotauro.

Machado de Assis reconhece que a vida é um fardo iminente, sempre à beira do colapso moral. Consciente, no entanto, da argúcia do cotidiano profano e corruptor, ele se rende a Ariadne. Para tanto, solicita-lhe o fio condutor e ele mesmo aplica-lhe os nós que poderá, segundo suas conveniências criadoras, apertar e afrouxar.

Afinal, a despeito da farsa da sua vida discreta, junto à esposa portuguesa, tudo é um trânsito eterno. E que foi ele senão um cronista do espaço urbano que, ao assumir a nostalgia profunda advinda do *cronos*, sua futura máscara mortuária, esparge-a, sem piedade e fé, ao largo de sua extraordinária obra.

NÉLIDA PIÑON
Escritora
Membro da Academia Brasileira de Letras
In Aprendiz de Homero. Ed. Record, 2008

Haicai brasileiro:

raízes japonesas, frutos tropicais

NELSON SAVIOLI

Nem parece inverno –
duas aves migratórias
chegam com o sol.

Como falo sobre haicai e suas tangências entre o Brasil e o Japão, peço licença para ter a ajuda a um ser muito caro aos haicaístas, o *grilo*. Esse grilo hipotético saltará geografias e cronologia para criar um fio de seda entre as culturas das duas nações.

O primeiro salto do grilo é para o Japão de meados do século XVI. É quando os missionários portugueses, notadamente jesuítas, chegam a uma terra imersa em guerras entre os senhores regionais. Os jesuítas tornaram-se conselheiros de alguns desses senhores e chegaram a converter cerca de trezentos mil japoneses ao cristianismo. No começo do século XVII os padres católicos foram expulsos do país e o culto proibido. Porém, sua influência restou na cultura nipônica, com dezenas de palavras portuguesas incorporadas ao linguajar do povo. Ainda hoje, no Japão e no Brasil, pedimos um *tempurá* no restaurante – palavra derivada de "tempero", que chegou ao Arquipélago juntamente com a técnica de fritura em óleo dos lusitanos.

É nesse cenário do "século português no Japão" que os missionários tomaram conhecimento do *renga*, o poema encadeado que alterna tercetos de 5/7/5 sons com duetos de 7/7 sons, "construído" por várias pessoas, observando a natureza e marcando as estações do ano. O livro *Arte da lingoa de Iapan,* do padre João Rodrigues, de 1602, fala do *renga* e do *faicai*.

Num segundo salto, o grilo avança para a segunda metade do século XVII japonês. Nele, Bashô faz o *renga* alçar à condição de literatura inspirada e superior, especialmente com a maestria da escrita do *hokku*, as três linhas de abertura do poema coletivo:

Anoitece no mar –	*umi kurete*
Os gritos dos patos selvagens,	*amo no koe honoka ni*
vagamente brancos.	*shiroshi*

E também:

Normalmente feios –	*higoro nikuki*
até os corvos ficam mais belos	*karasu mo yuki no*
na manhã de neve.	*ashita kana*

O nosso grilo pula para o século XVIII quando, após algum declínio, Buson e Issa recolocam o *hokku* nas alturas:

Sobre o sino	*tsurigane ni*
repousa e dorme	*tomarite nemuru*
a borboleta.	*kochô kana*

Esse é de Buson. Já Issa, que escrevia sobre as coisas mais simples da vida, dizia, na tradução do mestre Edson Iura:

A mãe conta,	*nomi no ato*
enquanto dá de mamar,	*kazoenagara ni*
as picadas de pulga.	*soeji kana*

Temos mais um período de baixa, mas o grilo acha a mente brilhante de Shiki, no final do século XIX, que, embora criticando-o, renova o movimento fazendo ressurgir a poesia de Bashô, Buson e Issa. É de Shiki a expressão *haiku (hai* – brincadeira e *ku* – frase, por extensão, verso), junção de haicai com *hokku*. Somente no Brasil e na França o *haiku* é atualmente denominado haicai (*hai* e *kai* – harmonia, realização).

Shiki, que morreu precocemente em 1902, com 35 anos, deixou anotados cerca de vinte mil *haikus*. Aqui uma prova do seu sabor:

Para esta viagem	*michizure wa*
a melhor companhia	*kochô o tanomu*
é uma borboleta.	*tabiji kana*

E este, que é o *haiku* mais conhecido de Kyoshi, discípulo de Shiki, ao visitar um templo budista:

Ao morder um caqui,	*kaki kueba*
um sino toca.	*kane ga naru nari*
Templo Horyuji.	*Horyuji*

Shiki, em 1897, passou a dirigir a recém-criada revista *Hototogisu* (o cuco japonês), que se tornou o fórum mais destacado do renascimento do *haiku* no Japão. Preso ao leito em razão de doença, Shiki pediu ao seu amigo Kyoshi que fosse o editor da revista.

Haicaísta brilhante, Kyoshi diverte-se com as belezas e os perigos da natureza:

A serpente foge –	*hebi ni gete*
seus olhos que me fitaram	*ware wo mishi me no*
continuam na grama.	*kusa ni nokoru*

Agora, o nosso mestre de cerimônia, o grilo, está em 1908, no porto de onde partirá o navio Kasato Maru, com os primeiros imigrantes para o Brasil. Ali, Kyoshi pede ao seu discípulo Nenpuku Sato, antes deste embarcar:

Faça um país de poesia
aonde leve esse navio –
vento de primavera.

O grilo estará, nos anos seguintes, muito ocupado, pulando de cidade em cidade de São Paulo e do Paraná, onde Sato vai disseminando haicai junto à colônia japonesa, orientando cerca de seis mil alunos e criando publicações sobre o tema.

Trovão de primavera –	*shunrai ya*
Chicote no cavalo	*futari nottaru*
montado por dois.	*uma ni muchi*

Entre seus discípulos, um se destacou, o mestre Masuda Goga, falecido este ano em São Paulo. Também imigrante, fundou e dirigiu publicações, escreveu livros em português, com destaque para a kigologia brasileira, uma relação de mais de mil termos de estação, com o título *Natureza – berço do haicai*, em parceria com sua sobrinha Teruko Oda. Foi um dos criadores, na década de 1980, do "Grêmio Ipê de Haicai", o qual tem servido de modelo para o surgimento de outros grêmios pelo país, inclusive o "Grêmio Águas de Março", aqui do Rio de Janeiro.

Um inspirado e aculturado poeta, Mestre Goga escreveu:

O homem desce a rua
com a velha viola às costas.
Ah! Vento de outono.

Atualmente, o grilo continua incansável em seus saltos para acompanhar a sobrinha de Goga, Teruko, que continua a saga do tio, com forte atuação como professora, despertando nos alunos da rede pública paulista o gosto pelo haicai, além de ser instrumental para a criação de novos centros haicaístas e de coordenar o Grêmio Ipê juntamente com o engenheiro Edson Iura. Este, aliás em companhia de Francisco Handa, é responsável pela publicação quinzenal de uma seção sobre haicais no jornal *Nippo-Brasil*, tarefa que foi originalmente do Mestre Goga. Centenas de haicaístas de todo o Brasil mensalmente enviam seus poemas para o jornal, que os seleciona para publicação. Como vêem, o haicai continua a ser uma modalidade democrática de se fazer poesia, submetendo-a ao crivo dos colegas.

Um haicai de Teruko:

De ponta-cabeça
A aranha se demora
Espiando a lua.

E este, de Edson Iura:

Vento de inverno
O gato de olho vazado
Procura seu dono.

Na cerimônia budista, no bairro paulistano da Liberdade, sete semanas após o passamento do Mestre Goga, havia centenas de amigos e admiradores, alguns de outros estados brasileiros. Lá, num certo momento, em um canto do templo, creio de ter visto o nosso grilo. Parece que desenhava uma linha do tempo, desde as raízes japonesas até os benditos frutos tropicais. Quando o monge tocou o sino, o grilo saltou para o infinito.

NELSON SAVIOLI
Superintendente Executivo da Fundação Roberto Marinho
Presidente do Conselho da Associação Brasileira de Recurso Humanos – RJ
Autor, entre outros, de *Burajiru Haicais*, ed. Qualitymark, 2007

A herança que nos orgulha

Jhony Arai e Cesar Mitsunobu Hirasaki

Cem anos se passaram desde a chegada do navio Kasato Maru, onde vieram os primeiros 781 imigrantes. Desde então, cerca de 250 mil japoneses escolheram o Brasil como o novo lugar onde tentariam ser felizes e bem-sucedidos. Nas recordações mais remotas, os velhos imigrantes ainda guardam aquela dor da despedida. O momento do embarque, a última palavra de carinho que trocaram com entes queridos no cais. A promessa de que retornariam em breve – seria um sacrifício temporário, logo estariam de volta para dar continuidade à vida no Japão com um pouco mais de conforto. A embarcação partia, mas a despedida só terminava quando as vozes que gritavam *banzai, banzai*! se tornavam inaudíveis e o porto de Kobe desaparecia no horizonte azul. Muitos jamais reencontraram os familiares que permaneceram no arquipélago. As fotos que trocaram por correspondência com aqueles que ficaram não condizem com suas lembranças. A imagem do irmão caçula sempre será daquela criança de colo que acenava para o navio, mesmo depois de décadas desde a partida.

Mesmo abrindo mão da antiga promessa, a grande maioria afirma sem pensar duas vezes: jamais se arrependeram. O país que os acolheu, por vezes de braços abertos, muitas vezes hostil, se tornou o palco de uma saga repleta de sacrifícios e renúncias. Ainda assim, dizem que fariam tudo novamente. Não se trata somente do orgulho nipônico, tão impregnado no caráter do imigrante. Para ele, suor e lágrimas foram compensados, inclusive materialmente, ainda que nas gerações seguintes.

Seus filhos conseguiram freqüentar escolas e muitos completaram o ensino superior. No convívio com os pais, preservavam os valores japoneses, mas se integravam cada vez mais à sociedade à medida que ampliavam a convivência com brasileiros. Falavam o idioma japonês quando conversavam com os familiares, mas também dominavam o português normalmente. Con-

Agricultores japoneses em cafezal paulista, almoçando

vertiam-se para o catolicismo e freqüentavam missas aos domingos ao mesmo tempo em que veneravam os altares budistas e xintoístas acomodados em algum cômodo da casa.

Os imigrantes também tiveram algumas surpresas, a que, a princípio, reagiram com certa aversão. Que pai não lançou seu olhar desconfiado quando o filho apresentou a primeira namorada não-*nikkei*? Com o tempo, aprenderam a aceitar, e até a admirar, a inevitável miscigenação. As gerações seguintes, *sanseis*, *yonseis*, e, mais recentemente, *gosseis*, tinham os olhos mais arredondados. Os mestiços, já na década de 1980, representavam cerca de 40% da população *nikkei*, estimada, na época, em 1,3 milhão de pessoas.

Assim como os traços de seus netos e bisnetos que iam, aos poucos, se ocidentalizando, a comunidade *nikkei* também foi se transformando. Os descendentes não se sentiam mais intimidados em afirmar, com certeza, que eram brasileiros. E graças a essa integração, culturas e costumes tradicionais ganharam visibilidade em todo o Brasil. Some-se a isso a exportação em massa da cultura japonesa, vinda dos Estados Unidos e do próprio Japão, que ajudaram a transformar a culinária, o *mangá* e tantos outros ícones em sinônimos do que há de mais moderno no mundo.

Por todas essas conquistas no decorrer das décadas, os imigrantes podem erguer a cabeça e olhar ao redor, com certa satisfação e contentamento. Afinal, além de toda a bagagem cultural, os valores morais e éticos passados de geração para geração fizeram com que os japoneses e descendentes ganhassem fama de disciplinados, honestos e batalhadores.

A herança que deixaram para a posteridade está presente nos mais diversos setores do país: nas artes, na literatura, no esporte, na gastronomia, na agricultura, no comportamento e na maneira como os brasileiros vivem. São legados deixados por aqueles que construíram o presente com muito esforço e perseverança.

Trecho do livro Arigatô, de

JHONY ARAI
Jornalista e Diretor de Redação da ed. JBC

CESAR MITSUNOBU HIRASAKI
Jornalista. Ex-correspondente da ed. JBC em Tokyo

SHODÔ
O Caminho da Caligrafia

Reiko Yanai

O *Shodô* é uma arte que nasceu no oriente.

Primeiramente, é necessário falarmos sobre os ideogramas. Os *Kanji* são ideogramas criados na China. Eles não representam apenas sons, mas também possuem significado. Num lugar chamado Yin, que progrediu muito por volta de 1500 a.C, foram descobertos inúmeros caracteres gravados em cascos de tartarugas e ossos de animais grandes. A partir disso, sabe-se que já nessa época caracteres eram utilizados.

As pessoas de tempos antigos instintivamente sentiam que havia um ser que possuía grande poder. E como um meio para se comunicar com esse grande poder (que pode ser chamado de Deus) era necessário utilizar-se da escrita. Através dos caracteres desejavam conhecer por adivinhação o seu destino e até coisas do dia-a-dia. Como eles serviam de meio supremo para se comunicar com Deus, eram tidos como sagrados e passaram a ser utilizados por pessoas de nível social elevado.

Então, o ideograma para "escrever" (*SHO*) possui o significado de "escrever um caractere" ou mesmo "coisa escrita".

Como mencionamos, os caracteres foram criados pela necessidade, mas o coração do ser humano, que anseia pela beleza, desenvolveu a arte da caligrafia.

O grande imperador chinês Shikotei (259-210 a.C) – que construiu a conhecida Grande Muralha da China, que circunda todo o país –, uniformizou os caracteres que eram usados desordenadamente em cada região. Denominados "Tensho"*[1], estes ideogramas constituem o estilo de escrita sistematizada pelo imperador. Como o Japão é uma socieda-

Mitsumura Tosho

de em que não se utilizam assinaturas e sim carimbos, até os dias de hoje este estilo de caligrafia figura em carimbos importantes.

O refinamento do Tensho era impróprio para o trabalho oficial do governo, e foi sendo alterado para um estilo em que se pudesse escrever mais rápido – o "Reisho"*2. A forma também veio a mudar de longilínea para mais larga. Isto porque, em muitos casos, os caracteres eram escritos em lascas de madeira ou bambu e, naturalmente, se modificaram. Com o nascimento de formas mais rápidas de escrever, como o "Gyosho"*3 (caligrafia de estilo semicursivo) e o "Sosho"*4 (caligrafia de estilo cursivo), finalmente criou-se a forma organizada "Kaisho"*5 (estilo de escrita quadrada), que é usada hoje em documentos formais e na imprensa.

Os materiais fundamentais para a prática do *Shodô* são: *Kami* (papel), *Sumi* (carvão), *Suzuri* (pedra) e *Moshitsu* (pincel).

Ideograma (do grego, idéia + caractere) símbolo gráfico utilizado para representar uma palavra ou conceito abstrato. É o sistema mais antigo de escrita, anterior aos alfabetos. Os hieróglifos do antigo Egito, a escrita linear B de Creta, a escrita maia, e os caracteres *kanji* do chinês e japonês são exemplos de ideogramas.

Devido a princípios como escrever palavras com significado, estar com boa postura, escrever uma única vez (se errar não há como consertar) o *Shodô* precisa de concentração. Por isso, foi introduzido cedo, obrigatoriamente, na educação japonesa. E, mesmo hoje em dia, na era do computador, em vez de redução, observa-se um fenômeno de aumento do número de pessoas que gostam e se interessam pelo *shodô*.

Assim como o pianista estuda os clássicos e vai cultivando sua força de expressão, de acordo com o estudo do clássico também no "escrever", estudando as regras, adquire-se força de expressão. Esse é *Dô*, o "caminho".

Portanto, o *Shodô* é o escrever crescendo através das pegadas dos povos antigos e, assim, expandindo a natureza infinita do eu.

Reiko Yanai
Professora do Instituto Cultural Brasil-Japão/RJ

Ao fundo, Bambusa gracilis e pedras representando montanhas; Ophiopogon japonicus, as florestas, e a areia rastelada, o mar

O JARDIM JAPONÊS

Mônica Lampreia

O jardim japonês pretende mostrar que o homem domou a natureza, agregando a ela um elevado nível de abstração. Na maioria dos casos, são jardins muito pequenos, o que reflete a extrema escassez de solo daquele país. É composto normalmente de pouquíssimos elementos, combinando plantas com água, areia, pedra, madeira e bambu, para criar um clima propício à meditação e à introspecção.

O portal, Rhododendron indicum e ponte à direita; pedra, lago e cascata ao fundo, elementos básicos do jardim japonês

Essa forma de conceber o jardim expressa o modo de pensar dos japoneses: "entre uma pedra e outra, cria-se o silêncio e o vazio". Tomie Ohtake, destacada artista nipo-brasileira, define: "Poucos elementos querem dizer muita coisa".

Há muitos casos de um material inerte simbolizar outro em movimento, mais comumente pedras ou areia representando água. Todo jardim japonês tenta passar apenas um conceito central, que, embora óbvio no resultado final, se originou de leitura extremamente abstrata do espaço, sendo que todos os seus elementos contribuem de forma integrada para isso.

Tudo é projetado para que, na manutenção posterior, as plantas, geralmente utilizadas com extrema parcimônia, sofram pouca intervenção no seu processo de crescimento natural. Os tipos de planta mais empregados são bambus, azaléias e algumas espécies de coníferas.

Elementos típicos do jardim japonês: a ponte, a lanterna, as pedras, o lago com carpas e as plantas coníferas – Rhododendron indicum (azaléia), Neomarica caerulea e bambus ao fundo

Bonsai, em japonês, quer dizer "plantar em bandeja". Técnica milenar que cria miniaturas de árvores, foi introduzida no Japão, vinda da China no período do Kamakura (1185-1333), sob influência do Zen Budismo. A arte foi refinada, deixando os monastérios e transformando-se em símbolo de prestígio e honra para a aristocracia.

O primeiro passo é escolher um pote que se harmonize com a forma futura que se pretende para a muda escolhida. A árvore deverá ser podada para dar a forma escolhida. O crescimento será direcionado por podas, tanto nos galhos como nas raízes, bem como a colocação de arames enrolados aos galhos, para fixar a forma. Todo o processo de crescimento deve ser acompanhado de perto, podendo ser um *hobby* muito gratificante.

Bonsai Ishitsuki

Bonsai Chokkan

Fotos do bonsai: *omeubonsai.com*

MÔNICA LAMPREIA
Paisagista-fotógrafa
Texto baseado no livro *O caminho das flores*, no prelo
Fotos da autora: Jardim Botânico do Rio de Janeiro

CHADÔ
o Caminho do Chá

Cerimônia do Chá, século XVII, Museu Municipal de Arte de Osaka

BERTHA HOSHI NAKAO

Atualmente, em todo o mundo, o café e o chá são consumidos com certa facilidade, o que nos leva a considerá-los como elementos indispensáveis à nossa vida cotidiana. O chá é amplamente bebido principalmente no Japão e na China.

O simples ato de preparar, servir e beber o chá torna-se um mundo cheio de mistérios. Quando os missionários jesuítas chegaram ao Japão, em meados do século XVI, se impressionaram com o *Chanoyu* ou Cerimônia do Chá, registrando em suas crônicas o benefício que o chá oferecia à saúde, o aspecto social do relacionamento entre os japoneses e, sobretudo, o aspecto espiritual.

A arte de beber o *matcha*, a folha do chá verde em pó diluída em água quente foi introduzida no Japão no final do século XII, procedente da China. Foram os monges *Zen* que utilizaram este *matcha* nos rituais religiosos e nos exercícios espirituais, como estimulante contra a sonolência durante as longas horas de meditação.

Em pouco tempo aristocratas e samurais adotaram o chá como forma de entretenimento, ligando-o a outras atividades artísticas: recitação de poemas, danças, música e apreciação de objetos artísticos trazidos da China. Outra recreação virou moda: os concursos de degustação de chás colhidos em diversas regiões. Quem acertava o tipo do chá recebia como prêmio um objeto de arte chinesa.

Com o tempo, estas reuniões tornaram-se mais tranqüilas, procurando-se desfrutar da atmosfera na qual o chá era servido como meio de elevação espiritual e apreciação estética.

O novo conceito estético do século XV foi influenciado pelo *Zen*, que considera todo ato

da vida cotidiana um meio para alcançar a iluminação. Por isso, no mundo do chá, a beleza é descoberta nos objetos simples e imperfeitos. Para a classe militar e para os comerciantes era agradável sentar-se numa tranqüila sala de chá sob atmosfera de calma e de meditação, longe das preocupações da vida externa.

No século XVI, Sen Rikyu (1522-91), monge *zen* e personagem ativo nos âmbitos político e cultural do seu tempo, surge como realizador da Cerimônia do Chá em sua forma atual, estabelecendo os fundamentos do *Chadô* ou *Caminho do Chá*.

Os princípios básicos do *Chadô* de Sen Rikyu são expressos por quatro palavras: *wa*, *kei*, *sei*, *jaku*.

Wa significa *harmonia*, que deve existir entre as pessoas, entre o homem e a natureza, e entre os utensílios e a maneira como são utilizados. Numa reunião do chá busca-se a interação harmoniosa entre o anfitrião e os convidados, entre os convidados, entre o ambiente e a estação do ano, entre os utensílios escolhidos e a estação do ano.

Kei significa *respeito*, sentimento que deve existir com relação às pessoas, aos utensílios e a tudo que nos circunda. O respeito nasce enquanto praticamos as normas de etiqueta do Chá que, em princípio, podem parecer muito rígidas e formais. O fato de o anfitrião receber os convidados com hospitalidade, de os convidados terem consideração entre si e para com o anfitrião, e o manuseio cuidadoso dos utensílios são expressões de respeito.

Sei significa *pureza*, tanto no aspecto físico como no espiritual. Para a realização da Cerimônia, o próprio anfitrião se preocupa com a limpeza e arrumação do jardim, do local e dos objetos. Os convidados, antes de entrar na sala de chá, andam sobre as pedras recém-molhadas pelo anfitrião, aproximam-se da pia de pedra onde lavam as mãos e enxáguam a boca, simbolizando a eliminação das impurezas do mundo externo. Durante a Cerimônia, na presença dos convidados, o anfitrião realiza uma seqüência de movimentos para purificar os objetos e ao mesmo tempo purificar a alma e a mente.

Fotos: Centro de Chadô Urasenke do Brasil

Preparação tradicional do chá

Jaku significa *tranqüilidade*, um estado espiritual de paz adquirida com a prática constante dos três princípios referidos no cotidiano.

Contrastando com a grandeza e o esplendor exibido pelas forças políticas influentes à época, a simplicidade da cabana de sapé projetada por Rikyu é a síntese da essência desses ideais. A sala de chá de quatro tatames e meio (área aproximada de 3m x 3m), a parede de pau-a-pique e argila, a coluna de madeira com sua casca natural, e o teto de bambu ou junco são mostras de refinada rusticidade. Para se adentrar na sala pela pequena porta quadrada de 70 cm, o convidado terá que baixar a cabeça, curvar o corpo, demonstrando o espírito de humildade e igualdade entre os homens. No seu interior há apenas um rolo de caligrafia, a flor e os utensílios de chá. Toda decoração inútil e ornamentação externa foram abolidas. O

Jardim do Chá é um caminho que conduz à sala de chá. Enquanto se anda passo a passo sobre as pedras, vai-se libertando das preocupações cotidianas, para se ingressar no sublime mundo do não-cotidiano.

Segundo Rikyu, "A Cerimônia do Chá realizada numa pequena sala deve ser praticada de acordo com os primeiros ensinamentos de Buda. Não tendo goteiras na casa, não passando fome, é o suficiente. Isto é o ensinamento de Buda e é a finalidade da Arte do Chá. Transportar a água, pegar a lenha, ferver a água, preparar o chá, ofertá-lo à divindade, aos demais e a si mesmo, ornamentar com flores, queimar incenso e aprender com a conduta de Buda".

A partir desse período, se configura o *Chadô* – Caminho do Chá. Há uma palavra de sentido específico na cultura tradicional do Japão que é *Dô* (caminho), presente em diversas expressões artísticas como: *Kadô* (caminho das flores), *Shodô* (caminho da caligrafia), *Kodô* (caminho do incenso); e nos esportes, como *Kendô*, *Judô.*

O *Dô* é um processo para compreender a vida ou a natureza. O *Chadô* seria então um meio para o aprofundamento nessa compreensão, enlaçando três aspectos: o relacionamento humano, o conteúdo espiritual e o significado artístico.

A Cerimônia do Chá que os missionários jesuítas conheceram, há mais de quatro séculos, continua sendo transmitida e praticada até os dias de hoje, graças aos descendentes e aos discípulos de Rikyu.

Surgiram várias escolas de *Chanoyu* e uma delas, a Urasenke, é a mais conhecida dentro e fora do Japão. Fundada por um dos netos de Rikyu, é atualmente conduzida pelo XVI.º Grão Mestre Sen Sôshitsu.

A influência da Cerimônia do Chá na vida dos japoneses é uma realidade, sua difusão é valorizada na esfera educacional. E o fato de estar aumentando o número de seus praticantes de ascendência não-japonesa faz pensar que isto não seja apenas para matar a sede, mas que exista algo de profundo nos seus fundamentos.

No Brasil, por ocasião do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, o Grão Mestre Herdeiro Sen Sôkô (posteriormente XV.º Grão Mestre da Urasenke) veio como emissário para divulgar a cultura do *Chadô*. Atualmente, o Mestre Sokei Hayashi, enviado pela Urasenke do Japão, se encontra transmitindo esta Arte através das atividades do Centro de Chadô Urasenke do Brasil.

Em 2008, ano do centenário da imigração japonesa, podemos constatar que durante este meio século de existência desta arte em terras brasileiras, a Cerimônia do Chá cumpriu seu papel como a manifestação cultural mais representativa do Japão, através de exposições e demonstrações realizadas em várias cidades do Brasil.

Ao beber o chá, na interação entre anfitrião e convidado, aprendemos a importância do relacionamento humano e, praticando a vida social, incorporamos naturalmente as normas de etiqueta. Ao trilhar o Caminho do Chá, por meio do treinamento e do estudo, brota o desejo de melhorar e refinar o eu interior na busca da "paz, através de uma tigela de chá".

Foto: ICBJ

Chadô, exposição Nippon, CCBB/ RJ, 2008

BERTHA HOSHI NAKAO
Professora do Centro de Chadô Urasenke do Brasil

ESSÊNCIA DO IKEBANA

Arte Tradicional Japonesa de Arranjo Floral

Arranjo floral, Kitagawa Utamaro (1754-1806), Museu Nacional de Tóquio

MASUYO OTSUKA

Acompanhando as transformações próprias da vida, a arte do *Ikebana*, que tem sua origem na oferenda de flores nos altares budistas no século VI, também passou a expressar suas criações através de novas formas e materiais. O *Ikebana* tem possibilidades ilimitadas, apresentando-se em diversos estilos. Seja qual for o estilo adotado, sua essência é expressar o belo.

Quando as expressões mudas das plantas e dos seus movimentos silenciosos são captados, podemos intensificar nossas impressões através de uma forma traduzida em *Ikebana*. Um arranjo floral pode mostrar a beleza do singelo desabrochar de uma flor ou sugerir a magnificência de uma paisagem. Mais do que a simples reprodução do contorno que a planta apresentava em seu ambiente original, há a criação com galhos, folhas e flores, que embora tenham sido cortados e removidos da natureza, ainda se mantêm vivos.

A continuidade dessa vida está nas mãos de quem executa o *Ikebana*. Em cada momento, plantas e homens respondem a um ambiente em eterna mutação, onde o ser humano busca constantemente identificar-se com a natureza, utilizando o *Ikebana* como uma forma de interpretá-la num sentido pleno, formado através dos séculos.

Esta arte sintetiza a própria essência da alma japonesa, refletindo na beleza do arranjo criado, o significado da existência humana como parte da natureza e o resultado desta sublime interação.

Como poema ou pintura feita de flores, o *Ikebana* exprime tanto a beleza intrínseca das flores, como a busca contínua do ideal de belo de nossos corações.

Que a beleza do *Ikebana* sirva cada vez mais para promover a união de todos os povos.

MASUYO OTSUKA
Mestre, membro da Associação de Ikebana do Brasil
Professora do Instituto Cultural Brasil-Japão/RJ

BUSHI-DÔ: O caminho do Samurai

Kataná, período Muromashi (séc. XV), coleção do autor

Toshihiko Tsutsumi

Nippon ou *Nihon,* traduzido em língua portuguesa por *Japão,* significa originalmente "lugar onde o Sol nasce". Para os brasileiros, *Terra do Sol Nascente*. Na época feudal japonesa surge o *Bushi-dô* – o caminho da formação do ser humano, fundamentado em conceitos que o levam à evolução espiritual.

No processo de formação do *caminho*, é possível constatar a presença da cultura e das tradições de artes marciais que representam o espírito do Japão. Neste processo, há correlação profunda e indissociável entre o Caminho e a Espiritualidade.

Trilhar o *caminho* é a busca que a alma do samurai faz para atingir os píncaros mais elevados do espírito – processo que possui início, mas sem término, podendo o espírito se expandir ilimitadamente.

Uma peculiaridade do samurai é a existência de uma espécie de DNA em sua mente e filosofia, um "arcabouço genético" que o leva a almejar elevação infinita do espírito, reconhecendo a grandeza e a importância do esforço para formação do caráter e da personalidade, condizentes com a de um ser humano do mais alto nível evolutivo.

Para tornar-se um ser humano ideal, a formação do samurai resulta do estudo e do respeito aos conhecimentos do passado e da assimilação e domínio sobre os movimentos e atos desenvolvidos e valorizados no *reihô* (regulamento), praticado durante sua vida inteira – o *savoir-faire* japonês.

Ao mesmo tempo, pode-se dizer que em todo o *caminho* do samurai há um espírito que age ativamente para trazer-lhe paz e serenidade. Isso é possível através do estudo e aperfeiçoamento sob a tutela de um mestre verdadeiramente capacitado, permitindo que, como discípulo, tome consciência de suas capacidades e limitações e de seu nível evolutivo, autoanalisando-se de forma objetiva e justa, e co-

O autor e esposa desfilam pela Unidos do Porto da Pedra, Carnaval de 2008, Rio de Janeiro

nhecendo a distância que o separa dos outros samurais.

Quando duas pessoas estão frente a frente com a espada em mão, compartilham deste precioso momento de suas limitadas vidas. Uma espada que serve para matar, e ao mesmo tempo ensina a respeitar e a aceitar profundamente o oponente. O samurai aprimora o espírito desse sentido de respeito através do treinamento rigoroso que ele pratica na vida cotidiana. Aí, para o samurai, a espada torna-se um instrumento espiritual, perdendo a dimensão material.

O *Iaidô* – arte marcial japonesa do desembainhar a espada – que pratico com uma espada verdadeira, é um dos estilos que os samurais exercitaram durante séculos para adquirir esse espírito. A prática ocorre visualizando-se o oponente de acordo com os princípios de cada movimento, não sendo necessariamente um inimigo físico. Os praticantes em treinamento podem executar os movimentos com oponentes reais.

O samurai que treina com dedicação, correção e sob a orientação de um *Sensei* (mestre), desenvolve a habilidade de reconhecer situações difíceis e de como evitá-las antes que se tornem problemas de fato. Mesmo sendo inevitáveis, ele aprende a enfrentá-las antes que atinjam grandes proporções, mantendo o estado de espírito e a postura corporal e mental que não ofereçam ao adversário oportunidade de agredi-lo. Essa é a essência da prática do samurai.

O autor

O *Caminho* que leva o samurai a se unir com sua Alma Divina é, também, a arte de enfrentar o desconhecido, pelo desembainhar a espada. Por este sistema o guerreiro prepara seu espírito para enfrentar a morte, de igual para igual.

Creio que a quinta-essência de procurar esse espírito através do treino rigoroso seja a jornada de um verdadeiro samurai, elevando-se em todos os aspetos para tornar-se a personificação da sabedoria e da virtude.

TOSHIHIKO TSUTSUMI

Sensei, 6.º Dan Renshi em *Iaidô* e *5.º Dan* em *Kendô*
Vice-Presidente da Confederação Brasileira de *Kendô*
Diretor Executivo Comercial da EBX
Ex-Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Japonesa do Rio de Janeiro

Takô, e seu ideograma (polvo e pipa, em japonês)

A ARTE DO TAKÔ NOS CÉUS DO IMPÉRIO DO SOL NASCENTE

KEN YAMAZATO

Relatos do Japão, datando de meados do século XI, indicam que papagaios eram símbolos militares naquele país. Muitos diários de batalhas daquela época contam como os militares empregavam os papagaios ou pipas para levar mensagens secretas aos aliados, alimentos para tropas sitiadas nos castelos e até homens para o alto como espiões aéreos, ou para medir distâncias para escavar túneis, tal como foi feito pelo general Han Hsin na China.

No Japão, os papagaios também adquiriram forte significado religioso e ritualístico onde, entre outras figuras, o dragão aparece como divindade, simbolizando, diferentemente da China, um deus do mundo submarino.

Mas foi na pintura e no artesanato que os papagaios japoneses mais se destacaram, representando até hoje um importante componente da arte e cultura desse país. Um dos fatores que mais contribuiu para que isso acontecesse foi a existência de materiais muito adequados, como o *washi* (papel japonês), o bambu e os barbantes de cânhamo. Tudo isso, aliado à habilidade natural dos japoneses, deu origem a um vasto repertório de formas e imagens tradicionais de pipas – *takôs* –, muitas delas com significados simbólicos.

Hatsu-takô

Como nos conta a história de uma mulher que pediu a um conceituado pintor que pintasse numa pipa a figura de Kintarô (herói do folclore japonês, que representa força), a fim de que pudesse dirigir diretamente aos deuses a sua prece, para que seu filho crescesse forte e sadio. O sucesso foi tão grande, que o pintor recebeu centenas de pedidos, nascendo assim a tradição dos papagaios Mambu, com a figura de Kintarô. De manei-

Figura de Samurai, no takô

Trem de pipas Koinoboris

ra semelhante, nasceram tradições de pipas com imagens invocando atributos como vida longa (cegonha ou tartaruga), fortaleza (carpa), prosperidade (dragão), aprendizado (Sugawara, deus do aprendizado), boa sorte (Darumá, o anão feliz), assim como faces de demônio para talismã contra a maldade.

Na ilha de Mishima, existe a tradição na qual, após o nascimento de um filho, a família se reúne enquanto o avô pinta uma enorme pipa com a figura de um demônio, que é pendurada sobre o berço da criança. No ano seguinte, a família se reúne novamente, para retirar a pipa e empiná-la sobre o mar. Isso, segundo eles, afugenta o demônio e o mau agouro para os frios ventos do inverno e assegura à criança boa saúde e felicidade. Nessa mesma ilha, eram construídos os maiores papagaios de que se tem registro até a II Guerra Mundial, os papagaios tipo *Wan-wan*, montados com 2.500 folhas de papel japonês, com diâmetro de 20 metros e pesando 770 quilogramas. Suas caudas eram feitas com dezenas de pedaços de grossas cordas navais amarradas a pesadas âncoras encravadas na terra.

Anualmente, no mês de maio, esses gigantescos papagaios eram empinados nos fortes ventos marítimos, mas durante a II Guerra os que usavam roncadores foram proibidos, pois os sons que emitiam eram muito parecidos com os de aviões de bombardeio.

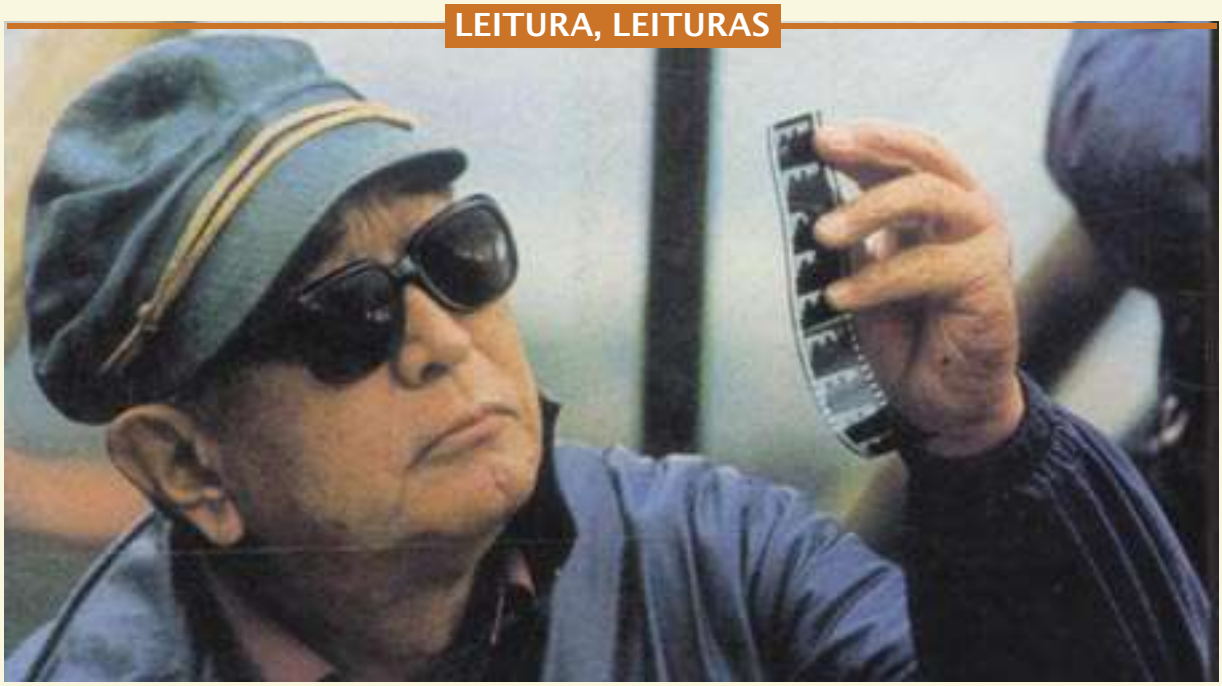
Os grande papagaios também são empinados tradicionalmente nas festas do Dia do Menino no Japão, comemorado em 5 de maio, cuja celebração mais característica é o *Koinobori* – enormes carpas coloridas de pano, que são hasteadas para simbolizar criaturas fortes e perseverantes, qualidades que os pais desejam para seus filhos.

Os papagaios também foram usados desde o princípio para diversos fins práticos. A façanha de fazer voar seu filho num grande papagaio sobre Kamakura (capital do Japão, de 1185 a 1333) é atribuída ao samurai Minamoto no Tametomo, herói guerreiro do século XII, exilado na ilha de Oshima.

Há também a história do arquiteto Kawamura Zuiken que, em 1689, utilizou papagaios a fim de transportar operários para colocarem as telhas do telhado do Templo Zojo-ji. Os papagaios foram muito utilizados para explorar os altos ventos, com o objetivo de previsão do tempo.

Ainda hoje os pescadores do distrito de Tohoku se valem deles com esse propósito, antes de se lançarem ao mar. Pescadores de Chiba, na costa do Pacífico, confeccionam papagaios que levam o emblema familiar e, quando retornam de uma longa viagem, empinam pipas para que suas famílias reconheçam os emblemas e entendam que estão regressando sãos e salvos, e com uma boa pescaria. Ao desembarcarem, as pipas são empinadas novamente em sinal de agradecimento.

KEN YAMAZATO
Engenheiro mecânico e Professor
Autor de *Engenheiro de Pipas – o invasor dos ares*. Ed. Paulo's Comunicação
Ilustrações do autor



KUROSAWA
O olhar sonhador do gênio

Nelson Rodrigues Filho

O homem é um gênio
quando está sonhando
(A.K.)

Ele queria ser pintor. Mas a escola de arte não o quis. Isso não resultou em que seu talento voltado para a imagem fosse abortado. Se as artes plásticas não o acolheram, a arte da modernidade, o cinema, acabou lucrando. Akira Kurosawa fez com a câmera mais do que pensou em fazer com tintas e pincéis. A prova disso é a criatividade e o cuidado com a imagem de seus filmes, em preto-e-branco ou em cores. Um exemplo expressivo é *Sonhos*, constituído de oito episódios, no qual a plasticidade vai da elaboração fotográfica de imagens de Van Gogh até a memória dos horrores da bomba atômica.

Se tem razão Deleuze, quando afirma que o cinema é visível mas também legível, reunindo o dito e o não-dito, qualquer dúvida que se poderia ter quanto à opinião do filósofo francês fica dirimida com o exemplo Kurosawa.

Dizia o diretor que "com um bom roteiro, um bom diretor pode produzir uma obra-de-arte. Com o mesmo roteiro, um diretor medíocre pode produzir um filme passável. Mas com um roteiro ruim até um bom diretor não consegue fazer um bom filme. Para a expressão verdadeiramente cinematográfica, a câmera e o microfone devem ser capazes de atravessar tanto o fogo como a água. O roteiro é algo que tem o poder de fazer isso".

Não bastassem o roteiro cuidadoso, a excelência da montagem, o domínio absoluto na direção de atores, o sentido plástico incomparável das imagens, é notável a sua genialidade como narrador. Jean Tulard (*Dicionário de cinema – os diretores*) cita opi-

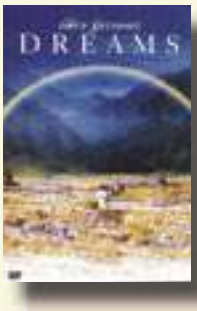
nião de um realizador americano (que o autor não nomeia), segundo o qual, "a maior qualidade de Kurosawa é saber contar". Acrescenta Tulard que o diretor japonês "sabe também nos mostrar imagens esplêndidas (basta lembrar as batalhas de *Kagemusha, a sombra do samurai*), mas longe de cultivar a arte pela arte, ele nos oferece, sem dogmatismo, uma lição de sabedoria".

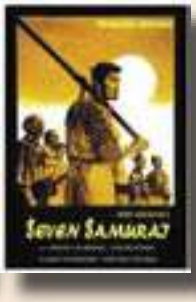
Kurosawa, neste particular, é um humanista. Antes de optar por mudança de regimes políticos, anseia pela mudança do próprio homem, para o que acredita poder contribuir o cinema. É dele a afirmação: "Se meu filme puder despertar essa vontade no espírito de um único homem, eu ficarei satisfeito".

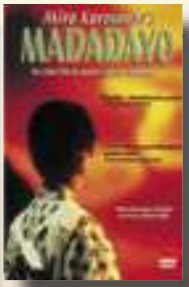
Talvez por isso Dostoiévski o apaixone: "As novelas de Dostoiévski são uma espécie de experiência científica com a alma humana, que ele coloca numa situação pura e extrema, para seguir o desenvolvimento e as transformações. Creio que ninguém foi tão nobre, tão compassivo e tão bom quanto ele, sua nobreza e sua bondade ultrapassam os limites do ser humano comum. Enquanto os seres humanos comuns desviam seus olhos ao depararem com a miséria extrema, o que é uma forma de nobreza e compaixão, Dostoiévski mergulha seu olhar por inteiro, sem se desviar. E sofre com aqueles que sofrem. Penso que com relação a isso ele está mais perto do divino do que do humano".

Não seria impróprio dizer que o olhar do cineasta se encontra com o do ficcionista russo. Também ele não vira as costas para a miséria extrema e para o sofrimento humano. Sua obra se constitui de grandes alegorias, que incluem a honra, o poder, a morte, a simulação, a amizade, a incompreensão, a miséria humana, transitando pelo lírico, o épico e o trágico, sempre fiel à história e à cultura japonesas. Ainda assim, durante muito tempo, o cineasta foi vítima da incompreensão de seus patrícios, acusado que era de se ter tornado um diretor ocidental. A visão equivocada, em certo momento, gerou absoluta indisponibilidade de recursos para novos filmes, o que quase o levou ao suicídio. Salvou-o a ajuda de cineastas norte-americanos, Steven Spielberg, George Lucas, Martin Scorsese e Francis Ford Copola.

Grande leitor da literatura ocidental, destaca-se, entre as suas preferências, o já citado Dostoiévski, Gorki e de maneira especial Shakespeare. Do cinema ocidental, é um fã privilegiado do *film noir* e do *western.* Adaptou obras de Shakespeare, como *Macbeth* em *Trono manchado de sangue*, *Hamlet* em *Homem mau dorme bem*, *Rei Lear* em *Ran*. De Gorki, *Ralé*. De Dostoiévski, *O idiota.* Influência do *western* é uma de suas obras-primas, Os *sete samurais*, que, por sua vez, será a matriz do filme *Sete homens e um destino*, de John Sturges. *Yojimbo* (*O guarda-costas*) inspira o clássico *Por um punhado de dólares,* de Sérgio Leone, com Clint Eastwood. Do *film noir, Céu e inferno,* de um relato de Ed MacBain, que alguns encontram semelhança com *O selvagem de motocicleta. Cão danado*, influenciado pela obra de George Simenon, pode ser aproximado a *Ladrões de bicicletas*, de Vitorio De Sica, filme da especial admiração do cineasta japonês, que chega a citá-lo ao receber, em 1951, o prêmio do Festival de







Filmes disponíveis em DVD: *Ichiban Utsukushiku* – A mais bela (1944); *Waga Seishun ni kui nashi* (1946); *Fumu Otokotachi* – Os homens que pisaram na cauda do tigre (1945); *Yodore Tenshi* – O anjo embriagado (1948); *Shizukanaru Ketto* – Duelo silencioso (1949); *Nora Inu* – Cão danado (1949); *Shubun* – O escândalo (1950); *Rashomon* – 1950; *Hackuchi* – O idiota (1951); *Ikiru* – Viver (1952); *Sichinin no Samurai* – Os sete samurais (1954); *Ikimono no Kiroku* – Anatomia do medo (1954); *Kumonosu-Jo* – Trono manchado de sangue (1957); *Donzoko* – Ralé (1957); *Kakushi toride no san akunin* – A fortaleza escondida (1958); *Warui yatsu hodo yoku nemuru* – O homem mau dorme bem (1960); *Yojimbo* – O guarda-costas (1961); *Sanjuro* – Sanjuro (1962); *Tengoku to jigoku* – Céu e inferno (1963); *Akahige* – O barba ruiva (1965); *Dodeskaden* – O caminho da vida (1970); *Dersu Uzala* (1975); *Kagemusha* – A sombra do samurai (1980); *Ran* (1985); *Yume* – Sonhos de Kurosawa (1990); *Hachigatsu no rapusodi* – Rapsódia em agosto (1991); *Mandadayo* (1993); *Ame Agaru* – Depois da chuva (1999).

Veneza pelo filme *Rashomon*. Este (também ganhador de um *Oscar* de filme estrangeiro), tem, aliás, tema difícil de se indicar. A forma prevalece para mostrar a relatividade da verdade, uma vez que o mesmo fato gera quatro acontecimentos em quatro narrações. *Rashomon* será inspiração para *Quatro confissões*, de Martin Ritt. *Anjo embriagado* conta a história de um policial que, após briga com um criminoso rival, vai tratar-se com médico alcoólatra. *A fortaleza escondida* inspirou George Lucas em seu filme *Star Wars (Guerra nas Estrelas)*.

Fica evidente o constante diálogo e troca de influências entre o cinema de Kurosawa e a cultura ocidental. Entretanto, em suas leituras cinematográficas da arte e da literatura do lado de cá, jamais renunciou ao tratamento da história e da cultura japonesas, dando razão ao crítico teatral Machado de Assis, segundo o qual "a especiaria pode ser alheia, mas o molho tem que ser de nossa fábrica."

Três filmes não podem deixar de ser citados aqui. *Dodeskaden*, seu primeiro filme colorido, que trata do cotidiano de uma favela, em que sonho e realidade se misturam. A obra-prima *Viver*, história de um burocrata aposentado, com câncer, que descobre que nada fizera na vida e luta pela construção de uma praça. E *Kagemusha*, a história de um líder poderoso que, prevendo a morte, cria um sósia, um ladrão, que se passa por ele e com que se mantém a estabilidade do reinado, até que os adversários descubram o embuste.

Akiro Kurosawa, antes de se consagrar como cineasta, um dos maiores do mundo, foi pintor, ilustrador de revistas e publicitário. Nasceu em Tóquio, em 23 de março de 1910. Morreu em 05 de setembro de 1998.

NELSON RODRIGUES FILHO
Mestre e Doutor em Letras pela UFRJ
nelrofi@uol.com.br www.nelrofi.blog.uol.com.br

A Culinária japonesa invade o Brasil

Foto: Ana Gabriela Verri Garcia

ALEX SAKATSUME

Comemora-se esse ano o centenário da imigração japonesa no Brasil. Com os imigrantes vieram hábitos alimentares diferentes e estranhos ao brasileiro. Na bagagem trouxeram conservas em frascos, raízes medicinais, pares de *hashis* e pequenas colheres largas e achatadas.

Entretanto, aqui os imigrantes encontraram hábitos alimentares muito diferentes dos de sua terra natal, como a substituição do chá pelo café, este bem apreciado pelos japoneses. Golpe maior ao seu paladar foi a carne-seca, que consideravam de aparência e cheiro repugnantes. A comida brasileira era rica em gordura de porco, farinha de milho, mandioca e alho refogado, cujo aroma incomodava, e em nada se assemelhava aos gostos do Japão. Eles não compreendiam os hábitos alimentares do brasileiro.

Com dificuldade para se adaptarem aos paladares da nova terra, os imigrantes buscaram alternativas para substituir alguns elementos presentes em seu país. A carne-seca foi substituída pelo bacalhau seco, produto mais caro, porém mais atraente. O arroz nacional, diferentemente do japonês em consistência e sabor, acabou sendo misturado à canjica branca ou ao fubá para render mais. O feijão virou doce de feijão e a farinha de mandioca acabou virando comida para as galinhas.

Com a adaptação dos japoneses à nova pátria, eles começaram a se interessar pelas hortaliças aqui cultivadas, e algumas delas ganharam lugar em seus quintais, como a cebolinha para a sopa de *missô*. A soja serviu para fabricar molho *shoyu* e sua pasta, *missô*, tão utilizados nos pratos japoneses.

Com os imigrantes japoneses, algumas das verduras e hortaliças típicas do Japão começaram a aparecer nas feiras, como a berinjela japonesa – menor e sem o amargo característico da italiana –, o gengibre, o broto de bambu, a acelga e a abóbora japonesa ou *kabocha*. Outra contribuição mais recente foi o cultivo de cogumelos orientais: *shitake*, *shimeji* e *hiratake*.

Mas a gastronomia japonesa, restrita apenas aos imigrantes, caiu no gosto dos brasileiros. Os primeiros restaurantes surgiram na década de 1930, em casas que serviam o macarrão *udon* e o *tempurá* (legumes, verduras e frutos do mar empanados). A partir dos anos 1950 alguns começaram a servir *sushi* e *sashimis*. E, no início dos 90, multiplicaram-se em todo o país. Atualmente encontra-se comida japonesa em todos os lugares, de restaurantes de comida a quilo a churrascarias. E como prova da incorporação dos gostos, serve-se *sushi* até com feijoada...

ALEX SAKATSUME
Professor e *Chef* de Culinária Japonesa

A literatura (e talvez somente a literatura) pode criar anticorpos que coíbam a expansão da peste da linguagem.
Italo Calvino

DIVAGAÇÕES DE UM LEITOR

ANGELA LOPES

Italo Calvino em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio* desenvolve qualidades em meio à crise contemporânea da linguagem que somente a literatura poderá salvar: leveza, rapidez, visibilidade, multiplicidade e consistência. Estas virtudes foram temas das conferências que Calvino preparou para a Universidade de Harvard, em Cambridge, no estado americano de Massachussets, ano letivo de 1985 – 1986 e podem servir para que se reflita sobre a atividade de leitura e questões de nossa existência.

Na conferência em que trata da *visibilidade*, Calvino nos adverte que as sociedades contemporâneas correm o risco de perder uma faculdade humana fundamental: "a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens." (Calvino, 1990:107, 108). Trata-se de uma *pedagogia da imaginação*, aplicável a nós mesmos, cujos métodos têm de ser inventados a cada momento e com resultados imprevisíveis.

Tais considerações remetem a uma questão importante para os que vivem da Arte, seja de que natureza for, numa sociedade tecnológica e pragmática. Como se situa a imaginação em cultura como a nossa, bombardeada por sucessões de imagens, linguagens, fragmentada pela diversidade de informações e pela rapidez dos meios de comunicação?

De que forma sobrevivem ou coexistem aqueles que se originam de um mundo cuja forma de expressão e interpretação provém de outra natureza, porque se nutrem da imagem construída na interioridade do ser e na solidão de sua formação intelectual?

Como se situam os que vivem da linguagem artística, da literatura e que mesmo que tenham aderido às novas formas e às múltiplas linguagens, representam facção de sobreviventes em meio a um mundo que dita fórmulas de ser e de sentir e que caminha para o empobrecimento da língua, da imaginação e da fantasia? Os que vivem da literatura e da arte, em geral, são postos à margem, porque o preconceito e a falta de entendimento do que seja viver da literatura sempre implica viver de sonhos, lidar com a mentira e a falsidade. A ficção não é mentira, é representação da realidade. A Arte é a vida e o homem, seja em que época for.

Estamos vivendo momentos em que as imagens e as mensagens que nos chegam são de todos e para todos indistintamente, impondo e uniformizando gostos, fabricando desejos e ansiedades, empobrecidos pela oferta insuficiente da qualidade.

O poeta e prosador português Almada Negreiros, ao escrever sobre a crise da sociedade portuguesa e do homem no início do século XX, dizia – *o indivíduo morreu ou foi a individualidade?* E hoje? Como seremos sem a diversidade de caminhos que poderíamos percorrer solitariamente para a construção e o encontro do nosso eu?

A literatura, talvez, seja a única resposta à massificação das informações, gratuitamente distribuídas e infinitamente geradas, o que nos dá uma idéia de democratização, ilusão de acesso livre ao conhecimento.

A recepção de um livro, o exercício da leitura e a construção de um leitor são exercícios solitários e necessários, rituais de crescimento e iniciação, que em nada se parecem com as performances dos navegantes da internet, usuários extasiados e estáticos que têm apenas o acesso às informações ainda a serem transformadas.

Sem dúvida, o acesso à informação e a rapidez das mensagens caracterizaram o término do milênio, mas onde fica a memória de nossas vivências de leitura: ver com os olhos da alma, sentir sem ver, viver com a interioridade, sonhar o impossível, esperar o inesperado, criar e ler imagens surreais, irreais, falar do que lemos e passamos a ser.

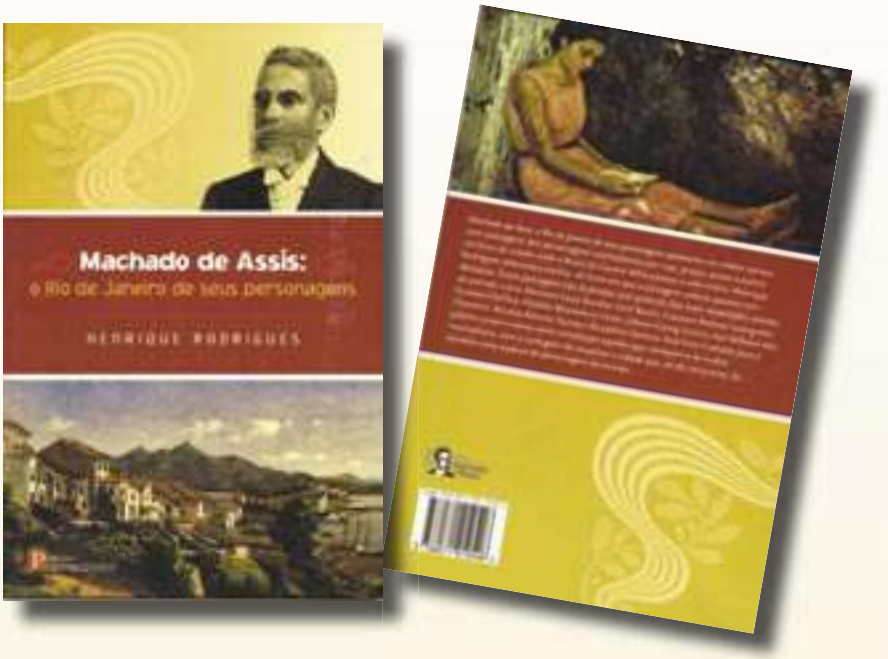
Leitores quando conversam entre si, falam de leituras e mesclam sensações com textos, intertextualizam com o texto de seus anseios e sensações.

Muitos livros nos sugerem possíveis caminhos, inquietando ou apaziguando... Ler poemas, vivenciá-los no dia-a-dia, citar grandes poetas porque tratam da vida, de nós, é um exercício rico e individual. Sem dúvida, podemos obter toda a informação do mundo, encurtar distâncias, mas estamos apenas extasiados com os meios que nos proporcionam esta façanha. Ler livros na solidão de nós mesmos e depois crescer e compartilhar, criar e vivenciar são exercícios que só a boa literatura provoca.

Aos que desejam ver de olhos fechados, resta sugerir que embarquem no processo da leitura, dos leitores que vivem as histórias, as aventuras dos personagens e as sensações de um poema, preenchendo os fragmentos densos da vida ...

ANGELA LOPES
Doutora em Letras
Professora das Universidades Estácio de Sá e Candido Mendes/RJ

MACHADO DE ASSIS: O Rio de Janeiro de seus personagens



No Ano Nacional Machado de Assis, a Pinakotheke presenteia os leitores com homenagem àquele que é nosso mais importante escritor. *Machado de Assis: o Rio de Janeiro de seus personagens* apresenta um roteiro carioca com passagens dos personagens machadianos por ruas, praças, praias e outros cenários da cidade onde o *Bruxo* do Cosme Velho passou a vida inteira. O livro, organizado por Henrique Rodrigues, foi lançado durante o *X Salão do Livro para Crianças e Jovens*, no Museu de Arte Moderna, em maio deste ano.

A obra apresenta trechos selecionados de títulos nos quais a paisagem urbana carioca aparece, e situa o leitor no tempo e espaço narrativo. Ilustram essas passagens pinturas dos mais respeitados artistas brasileiros e viajantes dos séculos em que Machado viveu: Abraham-Louis Buvelot, Emil Bauch, Giovanni Battista Castagneto, Gustavo Dall'Ara, Johann Georg Grimm, Nicolao Antonio Facchinetti, Nicolas-Antoine Taunay, Karl Wilhelm Von Theremin e Rosalbino Santoro.

O livro se destina ao público jovem e serve como introdução àqueles que começam a ler a obra machadiana, com a vantagem de permitir a visualização da cidade que, de tão recorrente, foi também uma espécie de personagem do escritor.

Glossário, relação de obras, biografia e bibliografia de Machado de Assis completam e dão amplitude à obra.

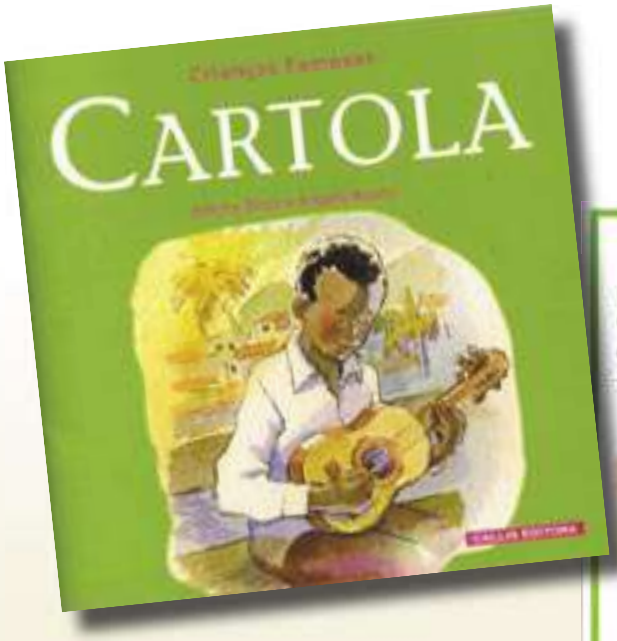
Sobre o organizador:

Henrique Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro, em 1975. É mestre em literatura pela PUC-Rio e trabalha na coordenação de projetos de fomento à leitura. Ele é autor do livro *Quatro estações: o trevo* (edição do autor, 1999) e participou da coletânea *Prosas Cariocas: uma nova cartografia do Rio de Janeiro* (Casa da Palavra, 2004). Dele são também *A musa diluída* (Record, 2006) e *Versos para um Rio Antigo: poesia para crianças* (Pinakotheke, 2007).

www.pinakotheke.com.br

CARTOLA

Coleção Crianças Famosas



Chega, afinal, a véspera de Reis. No começo da noite, as Pastorinhas já se concentram na casa de Luís Cipriano para iniciar o desfile. As alas se organizam: crianças na frente, adultos atrás. As meninas, vestidas de pastorinhas, formam o grande e afinado coral, do qual Angenor também faz parte.

À frente, a bandeira e os três Reis Magos, seguidos dos músicos: violão, cavaquinho, pandeiro, flauta, pistão, clarineta. De repente, o apito dá a partida. As Pastorinhas puxam um vivório, em meio a palmas e bravos:

Os livros da Coleção Crianças Famosas, da Callis Editora, contam episódios da infância de alguns grandes músicos, pintores e escritores da História Universal e do Brasil, mostrando sua genialidade precocemente revelada e apresentando-os ao público infantil do jeito que este mesmo público mais gosta: como crianças iguaizinhas a ele.

Em *Cartola*, vamos saber que o menino Angenor de Oliveira, nascido no Catete, Rio de Janeiro, convive muito cedo, por influência familiar, com tradições das festas populares de Reis Magos, Pastorinhas, ranchos carnavalescos, despertando logo para a música e encantando-se com o cavaquinho. Mais tarde, mudando-se para o morro da Mangueira, a memória da infância – beleza das festas e música sempre presentes – vão marcar sua vida, e torná-lo compositor famoso, um dos criadores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira.

Sucesso absoluto do mercado editorial brasileiro, o texto ágil e as ilustrações de extremo bom gosto já cativaram milhares de leitores no Brasil e no mundo.

Sobre a autora

Edinha Diniz é graduada em Ciências Sociais e pós-graduada em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Bahia, onde exerceu atividade docente como professora do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Atuou também na área de cinema, desenvolvendo pesquisas e roteiros, realizando documentários de curta metragem. Em 1977, mudou-se para o Rio de Janeiro onde começou trabalho de pesquisa sobre a compositora e maestrina Chiquinha Gonzaga, escrevendo, também pela Callis, o livro *Chiquinha Gonzaga*, da Coleção Crianças Famosas.

Sobre o ilustrador

Angelo Bonito nasceu no Paraná em 1962. Atualmente mora em São Paulo, é artista gráfico e ilustrador. Trabalha para editoras e importantes agências de publicidade do Brasil e o do exterior. Para a Callis Editora, já ilustrou treze livros das coleções *Crianças Famosas* e *Biografias Brasileiras*.

www.callis.com.br

ARIGATÔ

A emocionante história dos imigrantes japoneses contada num espetacular livro bilíngüe!

Escrito em japonês e português, a obra, de autoria dos jornalistas Jhony Arai e Cesar Hirasaki, narra a trajetória dos imigrantes nipônicos desde a chegada do primeiro navio japonês, o Kasato Maru, em 1908.

Da dura vida nas fazendas de café, os primeiros trabalhos nas cidades, as dificuldades com o idioma, o clima e a alimentação, até a consolidação da comunidade nipo-brasileira, o livro traça um panorama completo para se entender a história da imigração japonesa no Brasil.

Arigatô aborda também a migração dos nipo-brasileiros ao Japão, a formação da comunidade brasileira no arquipélago e seus reflexos no Japão e no Brasil e mostra as influências culturais japonesas na sociedade brasileira, uma herança de tradições que são o orgulho dos seus 1,5 milhão de descendentes.

Ilustrado com fotos históricas, o livro possui ainda um glossário de palavras japonesas. Assim, mesmo quem não possui ascendência nipônica poderá conhecer e se emocionar nessa viagem a um momento único na história do Brasil.

Sobre os autores

Jhony Arai é diretor de redação da Editora JBC, maior editora brasileira sobre cultura japonesa, onde trabalha há 10 anos. Durante esse período morou por quatro anos em Tokyo, Japão. Em 2003, escreveu o livro *Viajante do Sol Nascente* (editora Garçoni), que contou as histórias de vida de 15 imigrantes japoneses. O livro foi uma homenagem aos 450 anos da cidade de São Paulo.

Cesar Mitsunobu Hirasaki, nascido em Salvador, é filho de imigrante japonês. É autor do livro-reportagem *Uma fábrica no Eldorado*, que conta a vida dos *dekasseguis* no Japão. Para escrever o livro, trabalhou em uma fábrica durante três meses na província de Ibaraki, em 2005.

Foi repórter na revista *Made in Japan*, publicações especializadas em cultura japonesa, da Editora JBC, durante 4 anos, em São Paulo, e correspondente da Editora JBC em Tokyo.

www.editorajbc.com.br

PAPEL E TINTA: ARTES DO JAPÃO

As milenares artes e tradições japonesas possuem características que nos encantam, seja pela simplicidade nos traços, seja pela filosofia *zen* que envolve cada obra. As artes japonesas nos trazem as tradições de antepassados, preservadas e resgatadas a cada expressão.

Neste livro da Callis Editora, que prioriza as artes plásticas japonesas elaboradas com papel e tinta, são apresentadas dez técnicas diferentes com conceitos, exemplos e sugestões de atividades, acessíveis a mestres e alunos.

A autora nos convida a percorrer o universo da arte nipônica, em que se destacam a simplicidade, a assimetria e a parcimônia de elementos, introduzindo-nos num mundo conceitual diverso do nosso, mas que nos sensibiliza e desperta o prazer estético.

Além disso, características importantes como a valorização da natureza, a preservação do meio ambiente e a postura do artista – dedicado, paciente e concentrado na produção de sua obra –, vão revelar a beleza da cultura oriental.

Sobre a autora

Nereide Schilaro Santa Rosa nasceu em São Paulo, em 1953. Em 1977, bacharelou-se em matemática, desenho geométrico e física. Professora, arte-educadora, orientadora técnica e coordenadora pedagógica, trabalhou na Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo. Autora de mais de cinqüenta títulos, escreve sobre arte especialmente para o público infanto-juvenil, tendo sido agraciada com diversos prêmios literários, e entre eles o Jabuti, em 2004.

Sobre a ilustradora

Camila Mesquita trabalha com artes gráficas há mais de dez anos, tendo participado de exposições no Brasil e Estados Unidos. Em 1996 concluiu o mestrado em Artes Visuais pela State University of New York, em Rochester, e desde então realiza trabalhos no ramo editorial.

www.callis.com.br

HAICAIS COMPLETOS

Os haicais, tão populares no Japão e com tantos admiradores entre nós, é poesia sintética, com rigor na estrutura: tercetos de 17 versos, o primeiro e o terceiro com cinco sílabas, e o segundo com sete. Limitado a impressões efêmeras do momento que passa, e normalmente relacionado a uma das quarto estações do ano, o haicai se divulgou no Brasil por um de seus patronos, o poeta Guilherme de Almeida.

Haicais Completos, publicado em comemoração aos 40 anos da fundação da Aliança Cultural Brasil-Japão, em 1996, homenageia seu fundador e primeiro presidente, Guilherme de Almeida. Nesta edição, com poemas extraídos de vários de seus livros, há haicais e ensaio do próprio poeta, e ensaios de Paulo Franchetti e de H. Masuda Goga. A ilustração de capa é de Kanou Motonobo.

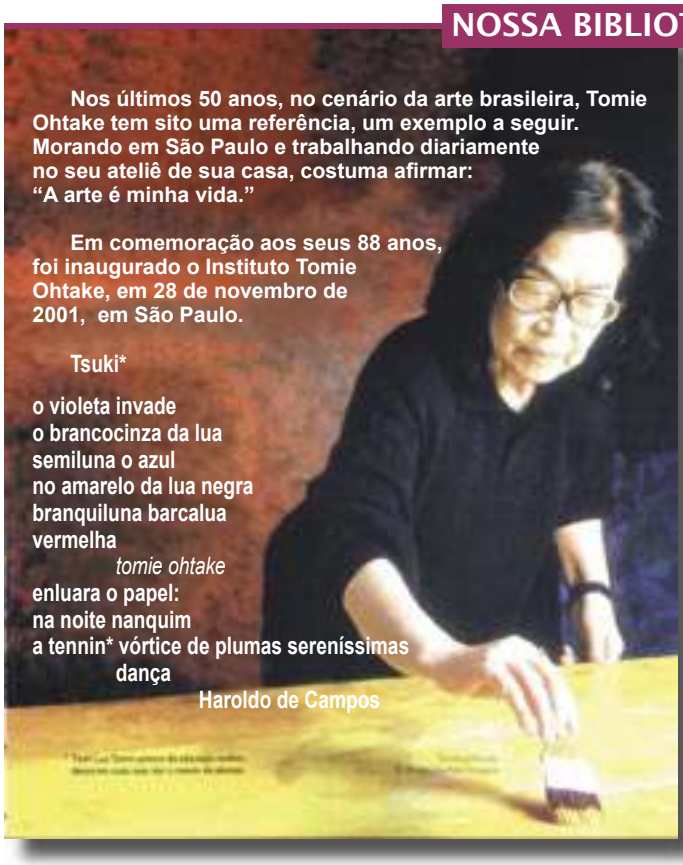
Como nos diz o poeta, "o haicai é a poesia reduzida à expressão mais simples. Um mero enunciado: lógico, mas inexplicado. Apenas uma pura emoção colhida ao vôo furtivo das estações que passam, como se colhe uma flor na primavera, uma folha morta no outono, um floco de neve no inverno...emoção concentrada numa síntese fina"...

Na leitura de haicais, a seu convite, busquemos ver estrelas.

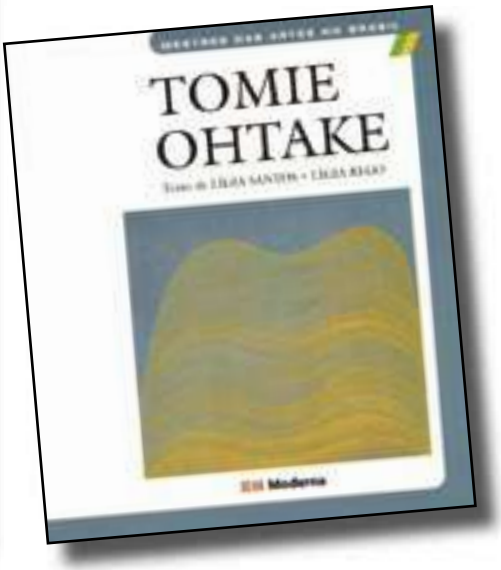
O poeta

Caçador de estrelas.
Chorou: seu olhar voltou
com tantas! Vem vê-las!

www.acbj.com.br



TOMIE OHTAKE



Do Japão para o Brasil e do Brasil para o mundo. Assim se resume a trajetória da artista plástica Tomie Ohtake, que nasceu no Kioto, Japão, e aportou em Santos em 1936, depois de longos 45 dias de viagem marítima. Em cinqüenta e cinco anos de vida artística, Tomie buscou sempre mostrar um trabalho diferente, usando novas técnicas na pintura, na gravura e na escultura. A *Coleção Mestres das Artes no Brasil,* da editora Moderna, dedica este volume, com mais de quarenta reproduções de obras de arte, a Tomie Ohtake, um dos mais importantes nomes da arte contemporânea do Brasil.

As autoras Lígia Rego e Lígia Santos dispensam palavras difíceis e texto rebuscado para falar de arte e, com isso, dão ritmo à leitura e atraem a atenção do público jovem desejoso de um contato com o universo das cores e da sensibilidade. Também não se restringem à biografia da artista. Mais do que isso, aguçam a perspicácia dos leitores mirins, dando informação sobre movimentos artísticos.

Oferecer informação sobre o mundo das artes e levar ao questionamento é o objetivo da Coleção. É preciso ver – e ler – o livro com outros olhos. É preciso sentir. E assim as páginas vão avançando, falando sobre a ligação de Tomie Ohtake com o abstracionismo: sua primeira exposição individual no Museu de Arte de São Paulo, em 1957; os prêmios Itamaraty, na IX Bienal Internacional de São Paulo, em 1967, e Grande Medalha de Ouro, em 1968; a busca pela profundidade e luminosidade das formas, na década de 70 e as gravuras e esculturas de tamanhos monumentais.

O livro em homenagem a Tomie Ohtake, que em 2008 completa 95 anos, é um exemplo para os leitores que, ainda jovens, muitas vezes não conseguem dimensionar o valor de uma obra ou de um artista. Ainda hoje, com nove décadas de existência, Tomie se recolhe em seu ateliê e, modestamente, classifica-se como "uma simples operária da arte". O livro, sem tirar nem pôr, reflete a essência de uma artista que, sem negar a origem oriental, incorporou à sua arte o calor e a cor dos trópicos.

Sobre as Autoras

Lígia Rego formou-se em Desenho e Plástica (1976) e também em Educação Artística pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado. Em 1998, especializou-se em Arte-Educação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Escreveu, em parceria com Angela Braga, os livros *Tarsila do Amaral* e *Aleijadinho*, ambos da Coleção Mestres das Artes no Brasil.

Lígia Santos nasceu em São Paulo e graduou-se em Desenho e Plástica e Educação Artística pela FAAP. Em 1985 fez um curso de Especialização em História da Arte, em Palma de Mallorca, Espanha. Lecionou durante dez anos no Ensino Fundamental, no SESI (Serviço Social da Indústria).

www.moderna.com.br

CONTOS POPULARES JAPONESES

Quando foi ao Japão pesquisar a obra do poeta Matsuo Bashô para escrever o romance *Rakushisha*, 2007, a escritora Adriana Lisboa trouxe na mala, na memória e no coração muito mais do que os *haicais* do poeta do século XVII. Grande admiradora da cultura oriental, ela mergulhou fundo nas lendas e na tradição popular da terra do sol nascente, e apresenta aos leitores histórias que fazem parte da milenar cultura popular nipônica na coletânea *Contos populares japoneses*, ilustrada pela *sansei* Janaina Tokitaka.

O livro da Editora Rocco reúne seis dos contos mais conhecidos da cultura japonesa, preferidos da autora. As narrativas falam sobre gente simples, mas cheia de esperança e valores; sobre animais encantados e seres fantásticos, e constituem belas metáforas do comportamento humano: sonhos, alegrias, angústias e medos. Com graça, leveza, alguns toques de suspense e muita imaginação, os contos são amostra vívida da força da literatura popular japonesa e sua capacidade de cruzar fronteiras.

No centenário da imigração, *Contos populares japoneses* homenageia o Japão e a riqueza de sua literatura, deixando ao alcance de leitores brasileiros narrativas que constituem a identidade da gente japonesa e refletem sobre temas universais, como honra, amor, generosidade, saudade, gratidão, compromisso e solidariedade. Um passeio pelas mais belas histórias dessa literatura, conduzido pelo olhar sensível e a escrita refinada de Adriana Lisboa, em sintonia com as ilustrações cheias de graça e leveza de Janaina Tokitaka.

Sobre a autora

Adriana Lisboa é carioca e nasceu em 1970. Morou na França e vive entre o Rio e Boulder, no Colorado, Estados Unidos. Estudou música e literatura. É escritora e tradutora. Entre os prêmios, recebeu o *José Saramago*, em Portugal, e o de autor revelação, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, no Brasil. Pela Rocco, publicou: *Os fios da memória, Sinfonia em branco, Um beijo de colombina* e *Rakushisha* (romances), *Caligrafias* (contos) e *Língua de trapos* (para crianças). Em breve lança *A sereia e o caçador de borboletas,* ilustrado por Rui de Oliveira, seu parceiro em *Língua de trapos.* Tem livros publicados em Portugal, na Itália e na Suécia, e sairão na França e no México.

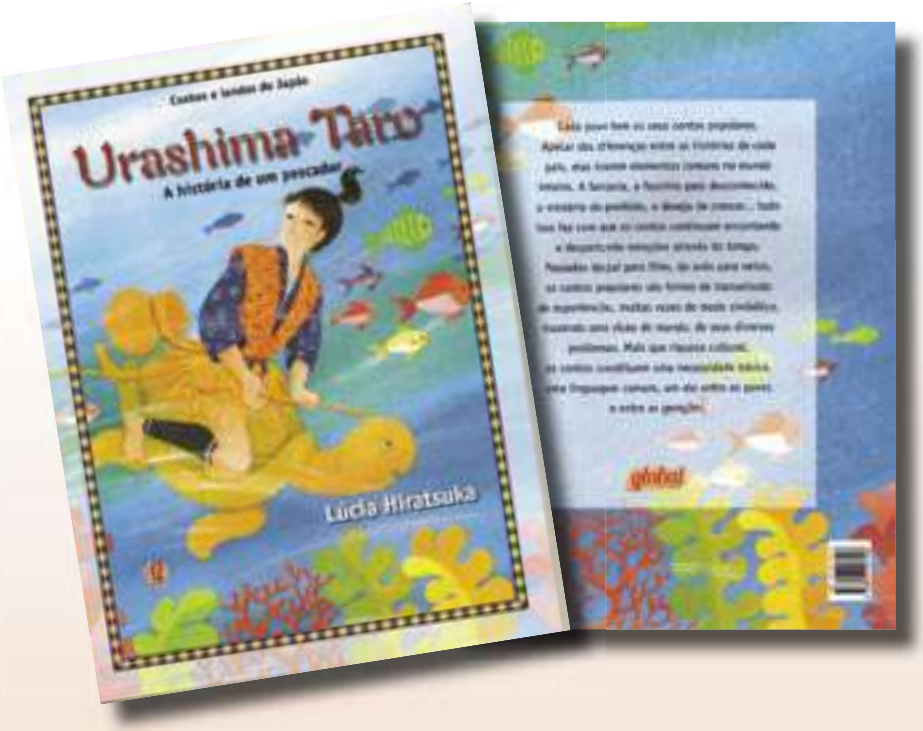
www.adrianalisboa.com.br

Sobre a ilustradora

Janaina Tokitaka nasceu em São Paulo, em 1986. Atualmente, conclui o bacharelado em gravura na ECA-USP, desenha para a revista *Página 22* e ilustra livros infantis e juvenis. Janaina gosta muito do que faz porque concilia literatura e desenho.

www.rocco.com.br

URASHIMA TARO
A história de um pescador



O lendário e conhecido conto japonês ***Urashima Taro – A história de um pescador***, com texto e ilustrações de Lúcia Hiratsuka, integra, desde 2001, o catálogo de literatura para crianças, da Global Editora.

Apesar de o livro ter sido elaborado para o público infantil, muitos adultos já o leram e muitos outros hão de querer ler para matar a curiosidade e descobrir, afinal, o que aconteceu com aquele personagem japonês que, na década de 1970, aparecia em comercial de TV de uma companhia aérea, salvando uma tartaruga e recebendo como prêmio uma viagem.

Urashima Taro – a história de um pescador é uma história muito difundida entre as inúmeras existentes na cultura japonesa. É passada de pais para filhos, de avós para netos e, apesar das diferenças entre as histórias de cada país, contém elementos comuns ao mundo todo, pois faz elo entre os povos e as gerações.

Os contos tradicionais representam uma grande fonte de riqueza. É uma forma eficaz de a criança começar a compreender um pouco sobre a natureza humana.

Sobre a Autora

Entre 1988 e 1989, Lúcia Hiratsuka esteve no Japão e lá realizou uma exposição de ilustrações. Eram pinturas inspiradas no folclore, nas festas típicas, nas paisagens do Brasil. Os japoneses gostaram muito e perguntaram se levaria algo da cultura deles no retorno ao Brasil. Foi assim que surgiu a idéia de recontar e ilustrar os contos tradicionais do Japão. Em 1993 saíram os primeiros títulos, e seguiram-se outros. Eram contos, lendas e fábulas que Lúcia conhecia desde sua infância, contados por sua avó. Percebeu que as histórias continuavam encantando, ao mesmo tempo tinham outro sabor ao serem recontadas em português. Também nas suas obras de ficção, inspira-se bastante nas memórias da infância, passada no interior de São Paulo.

www.globaleditora.com.br

ATESTADO

Documento firmado por servidor público que, em razão do cargo que ocupa ou da função que exerce, declara fato existente, do qual tem conhecimento, a favor de uma pessoa.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra ATESTADO), em letras maiúsculas e centralizado sobre o texto.
2. Texto de um parágrafo, indicando a quem se refere, o número de matrícula e a lotação, caso seja servidor, e a matéria do atestado.
3. Local e data, por extenso.
4. Assinatura, nome, cargo e matrícula da chefia que expede o Atestado.

EXEMPLO

Colégio Estadual Marechal João Baptista de Mattos

ATESTADO

Atesto, para os devidos fins, que JOSÉ DA SILVA, filho de Ernesto Silva e de Maria dos Santos Silva, carteira de identidade n.º 123456-7, expedida pelo IFP/RJ, concluiu a 3.ª série do Ensino Médio neste estabelecimento, em 2007, sendo aprovado em todas as disciplinas. Sua documentação está pronta para ser expedida, aguardando a necessária publicação da listagem de concluintes do curso no Diário Oficial.

Rio de Janeiro, 06 de janeiro de 2008

Francisco de Paula Rodrigues
Francisco de Paula Rodrigues
Secretário do CEMJBM
Matr. 1.178.385-3

Av. Brasil, 19.644, Acari – Rio de Janeiro – RJ
CEP 21530-000 – Tel&Fax (21)384-7523

JOHN WESLEY FREIRE
Especialista em educação, produtor e apresentador de rádio e tv
Professor da Seeduc/RJ

PLEONASMO: vício ou virtude?

HELENICE VALIAS

Numa visita a Portugal, ocorreu-me um fato engraçado. Ao tomar o elevador do hotel, o ascensorista perguntou-me com a maior naturalidade: – "Vai subir para cima ou descer para baixo"?

Uma risada incontrolável impediu-me de responder, e diante de seu olhar perplexo, imediatamente dei-me conta de que o vexara. Tentei corrigir, tropecei nas palavras, murmurando apenas: – "Para baixo"...

A comicidade da situação deveu-se não propriamente ao que fora dito, mas ao modo enfático com que o dissera.

O episódio ilustra o que ocorre freqüentemente à maioria das pessoas, em especial no registro popular, quando repete um termo já expresso ou uma idéia já sugerida, por ignorância do sentido exato das palavras utilizadas, ou por descuido na formulação da frase. A esse uso, denominamos *pleonasmo vicioso*.

Exemplos no cotidiano não faltam. Quem nunca ouviu: "encarar de frente, sair para fora, entrar para dentro, panorama geral, monopólio exclusivo, nossos sentidos pêsames, todos foram unânimes, principal protagonista, exultar de alegria, antídoto contra, esquecimento involuntário" e outros semelhantes?

O emprego de tais expressões, pouco recomendáveis na norma culta da língua, mesmo por necessidade de clareza ou ênfase, incide até nos discursos acadêmicos, às vezes impregnados de coloquialidade, em frases como: "Numa breve alocução, há muitos anos atrás..." Aqui, dois equívocos: "alocução" é "discurso breve", e "há muitos anos" diz respeito exatamente ao tempo pretérito, não se justificando a presença do advérbio "atrás".

Podem replicar: e o dito popular "Palavra de rei não volta atrás"? Este e outros ditames da sabedoria popular, embora consagrados, estão repletos de distorções, por ignorância gramatical de boa parte dos usuários do idioma.

Entretanto o pleonasmo pode ser uma "virtude". Quando a reiteração da idéia empresta maior relevo, mais força expressiva ao pensamento ou aos sentimentos, ele é perfeitamente justificável, constituindo uma figura de linguagem. Sua ocorrência se dá, com freqüência, na poesia ou na música popular, como nos exemplos:

"Ó **mar salgado**, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!" (Fernando Pessoa)

Vento frio, **noite escura**,
cheiro de mato molhado
em teu úmido cabelo... (H. Valias)

"Um **sonho sonhado** sozinho é um sonho.
Um **sonho sonhado** junto é realidade."(Raul Seixas)

"Sonhei/ Que estava **sonhando** um **sonho sonhado**/ O sonho de um sonho/ Magnetizado..." (*Sonho de um sonho*, enredo da Vila Isabel, Martinho da Vila, Rodolpho e Graúna)

Além de recurso literário, sua utilização pode constituir recurso sintático, com a mesma finalidade de ênfase, no emprego do *objeto pleonástico*. Assim, as formas pronominais *o, a, os, as*, e *lhe, lhes* reiteram os objetos – direto ou indireto – colocados ao início de frases como:

Estas flores, colhi-**as** para ti.
Aos filhos, nada **lhes** negamos.

E ainda para enfatizar o objeto, direto ou indireto, se pode utilizar a forma tônica, regida da preposição a, acompanhando um pronome átono correspondente:

A mim, cabe-**me** a decisão.
A ti, só **te** restou a saudade.

Assim, se o falante da língua souber explorar sua riqueza, ao invés de *vícios* poderá cultivar suas *virtudes*.

HELENICE VALIAS
Mestre em Literatura Brasileira
Professora de Língua Portuguesa da Seeduc/RJ

Poluição Atmosférica, Aquecimento Global e Combustíveis Renováveis

Aumento da temperatura da Terra em 2°C a 4° C, degelo das calotas polares e da Groenlândia (com provável desaparecimento da camada de gelo da região ártica no verão), elevação dos níveis dos oceanos em 28 a 43 cm – suficiente para desalojar populações inteiras de áreas litorâneas – , secas, ciclones e enchentes mais intensas e freqüentes, com gravíssimos efeitos sobre a agricultura e a economia mundial, principalmente nos países mais pobres.

Donato Alexandre Gomes Aranda e Nehemias Monteiro Junior

Estes são prognósticos do relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças no Clima (IPCC, em inglês), vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU) para o final do século XXI. As mudanças são atribuídas às emissões dos gases do efeito estufa, notadamente o dióxido de carbono (CO_2), o metano e o óxido nitroso, cujas concentrações atmosféricas aumentaram dramaticamente desde 1750, pelo uso de combustíveis fósseis: derivados de petróleo e carvão.

O cenário não é inédito, apenas mais detalhado. Este é o quarto relatório do IPCC, criado em 1988. O anterior, de 1995, foi decisivo para a elaboração do Tratado de Quioto. Espera-se que este novo relatório leve a medidas mais efetivas de controle dos gases do efeito estufa. "Que este relatório deixe as pessoas chocadas e leve os governos a agir com mais seriedade", disse Rajendra Pachauri, presidente do IPCC.

Do consumo dos combustíveis fósseis decorrem emissões dos gases do efeito estufa e *poluentes controlados*: hidrocarbonetos não queimados (HC), CO, NOx, SOx, além de material particulado.

Diferentemente dos poluentes controlados, associados aos riscos à saúde humana e à chuva ácida, as emissões de CO_2 e gases do efeito estufa não representam sério problema de poluição localizada. É o aumento de sua concentração na atmosfera que causa efeitos como o aquecimento global, hoje em evidência. Contudo, há também riscos associados aos poluentes controlados.

Os veículos automotores são os principais geradores de óxidos de nitrogênio, formados na combustão pela reação entre oxigênio e nitrogênio atmosféricos. Junto com os hidrocarbonetos não queimados, são precursores de reações que formam o ozônio, que é citotóxico (lesa as células) e pode atingir nos corpos partes distantes das vias aéreas. Entre os hidrocarbonetos totais há 21 compostos associados a efeitos carcinogênicos e a outros sérios danos à saúde humana.

Os óxidos de enxofre na atmosfera causam a *chuva ácida*, além de efeitos irritantes sobre o trato respiratório, afetando mais intensamente os portadores de doenças crônicas do coração, dos pulmões ou os asmáticos. O monóxido de carbono (CO) diminui a capacidade de o sangue transportar oxigênio, dificultando sua liberação nos tecidos.

O material particulado resulta de emissões dos veículos automotores e fontes estacionárias. Entre eles há compostos extremamente tóxicos, como os hidrocarbonetos poliaromáticos (PAH) e nitro poliaromáticos (nitro – PAH). Por serem inaláveis eles podem atingir as vias respiratórias inferiores.

Dados do Sistema Único de Saúde (SUS) na cidade de São Paulo indicam que 10% das internações por doenças respiratórias na infância relacionam-se às concentrações atmosféricas de particulados. Freitas *et al*. investigaram os efeitos de curto prazo da poluição atmosférica na morbidade respiratória nesta cidade. Analisaram internações hospitalares por doenças respiratórias de menores de 15 anos e de mortes naturais de maiores de 65 anos no SUS, entre 1993 e 1997, em conseqüência de variações das concentrações de poluen-

tes atmosféricos, para avaliar o impacto das medidas do controle de poluição adotadas pelos governos e estimar as internações que seriam evitadas em 1999, quando os níveis de particulados atingiu o mínimo previsto na regulamentação.

No período, a média diária era de 66,7 internações de crianças com problemas respiratórios, nos hospitais do SUS da cidade. Com a redução dos particulados, em 1999, estima-se que foram evitadas 476 internações de menores de 15 anos. Ou seja, mesmo obedecido o padrão estabelecido pelo governo, ainda ocorriam internações e mortes.

Os poluentes atmosféricos particulados não apresentam níveis aceitáveis para a saúde humana, assim como cresce aceleradamente a concentração de gases do efeito estufa, causadores do aquecimento global. O ideal seria a eliminação deles, o que não é possível devido às condições técnicas e econômicas atuais.

Assim, procura-se reduzir estes danos com medidas inovadoras. Dentre as alternativas viáveis estão o uso dos combustíveis obtidos com a biomassa (fontes microbianas, vegetais ou animais), que não contribuem diretamente para o efeito estufa, pois suas emissões de dióxido de carbono são plenamente reabsorvidas pelos vegetais no processo de fotossíntese, decorrente do crescimento das culturas de biomassa das quais se extraem combustíveis como o álcool etílico e o biodiesel.

Diferentemente dos combustíveis fósseis, (derivados de petróleo e carvão mineral), cuja queima emite CO_2 e gera excedente não utilizável no ciclo do carbono, o álcool etílico e o biodiesel servem para reduzir as emissões de poluentes controlados.

O uso dos combustíveis fósseis, particularmente os derivados de petróleo, são fontes relativamente baratas e abundantes de energia, o que contribuiu para o desenvolvimento econômico e tecnológico dos últimos cem anos, permitindo que a parte da humanidade que a eles tem acesso atingisse níveis de bem-estar material nunca vistos.

Ainda não há alternativas energéticas que permitam substituir completamente os combustíveis fósseis, embora a pesquisa de alternativas seja crescente e as perspectivas promissoras. Mas o uso parcial de fontes alternativas e menos poluentes, de modo geral, implica altos investimentos a curto prazo.

Assim, poluir menos significa muitas vezes frustrar desejos e anseios consumistas, como adquirir um carro maior e mais potente (e poluente), e substituí-lo por outro menor, mais econômico (e menos poluente) ou, até, deixar o carro na garagem e usar transporte coletivo.

Pelo Tratado de Quioto, as nações desenvolvidas devem reduzir suas emissões de gases do efeito estufa em 5,2% entre 2008 e 2012. Em relação a 1990, teríamos a redução média de 29%, comparada à que ocorreria em 2010, se o tratado não vigorasse. A perspectiva contribuiu para que o tratado, negociado em dezembro de 1997, fosse implementado em janeiro de 2005, mesmo sem a adesão dos EUA e da Austrália, que alegaram prejuízos, se aderissem ao tratado.

Nos países em desenvolvimento, os controles ambientais sobre certos setores podem reduzir as taxas de crescimento econômico a curto prazo. Contudo, as perdas futuras com os efeitos do aquecimento global e da poluição atmosférica superam em muito os ganhos de curto prazo. Trata-se de conscientizar países e cidadãos a "poupar" recursos naturais no presente, para que as gerações futuras possam usufruí-los. Um acordo entre pais e filhos.

No Brasil, o uso de combustíveis alternativos mediante a associação do conhecimento científico à criatividade tem proporcionado soluções inovadoras, viáveis ecológica e economicamente. Dentre outras possibilidades, a retomada do uso do álcool e a introdução do biodiesel, que não demanda adaptações nos motores, ampliaram nossas perspectivas de empregar combustíveis líquidos, respeitar o meio ambiente e ajudar a absorver o excesso de CO_2 existente na atmosfera. Assim, nossa experiência serve de paradigma para outros povos que pretendem se realizar economicamente, respeitando nossa única morada – o planeta Terra.

EFEITO ESTUFA

Os gases e o vapor d'água na atmosfera impedem que o calor da insolação refletida pela superfície do planeta se dissipe pelo espaço. Isto aumenta o calor na atmosfera terrestre.

CICLO DO CARBONO

Os vegetais transformam o gás carbônico em tecidos vegetais pela fotossíntese. Animais se alimentam deles, os eliminam. Sua decomposição forma o gás carbônico, que, absorvido pelos oceanos e vegetais, reiniciam o processo absorção-eliminação do carbono.

COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Os restos de tecidos vegetais e animais contêm carbono. Quando não se decompõem totalmente, formam depósitos ou jazidas (de petróleo ou de carvão). Retirados, eles são usados como combustíveis.

CHUVA ÁCIDA

Precipitação atmosférica contendo dióxido de carbono, óxido de nitrogênio, etc. que, combinados com o vapor d'água, formam ácidos sulfúrico e nítrico. A chuva resultante prejudica a água doce, os vegetais e os animais. As construções, inclusive monumentos, são danificados pela ação desse ácidos.

DONATO ALEXANDRE GOMES ARANDA
Doutor, Professor do Departamento de Engenharia Química EQ/UFRJ

NEHEMIAS MONTEIRO JUNIOR
Mestre em Ciências, Engenheiro Químico

ORIGAMI, a arte de dobrar papel: simples assim

Orizuru: *origami da ave* Tsuru

EDWIGES ROSÁLIA FERREIRA

É surpreendente o que se obtém com um simples quadrado de papel, certa dose de criatividade, alguma paciência e bastante sensibilidade. Esta é a "fórmula secreta" do *origami* – arte secular japonesa de dobrar papel, formando objetos bi ou tridimensionais.

Os primeiros *origami* (*ori* – dobrar + *gami* ou *kami* – papel) surgiram no século VI, quando o método chinês de fabricar de papel foi levado ao Japão, por um monge budista. À época usava-se o papel para fins religiosos e na construção, mas seu custo era alto, pois produzido artesanalmente com fibras vegetais.

Quando a produção de papel se tornou acessível aos mais pobres, popularizou-se o *origami* para decoração e lazer. A criação de *origamis* envolvia grupos de pessoas, por isso algumas formas são consideradas heranças peculiares de alguns povos.

Seguindo os princípios básicos, deve-se utilizar papel, desprezando materiais como tesoura e cola, para obter objetos tridimensionais. Com a liberdade surgida a partir do século XVII, admite-se utilizar pequenos cortes na confecção do objeto desde que os cortes aconteçam no início do *origami*.

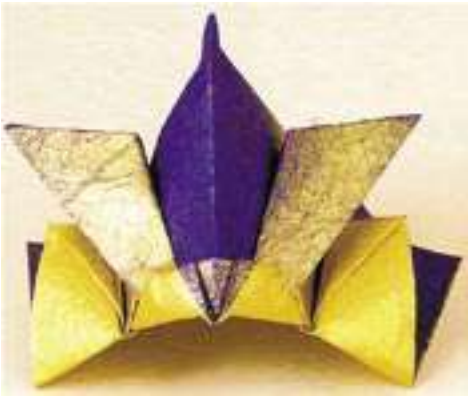
Os que incluem recortes no papel são os *kirigami* – arte de formar figuras de papel com recortes. Assim, com papéis quadrados ou retangulares de texturas e cores diversas, criam-se formas variadas e belas.

O apelo do *origami* no Japão é tal que, em 1797, se publicou o livro *Sembazuru Orizata – Maneiras de dobrar mil tsurus* – com diagramas das dobraduras. Desde então, milhares de outras publicações surgiram sobre o tema.

Uma enorme diversidade de *origamis*, com formas tradicionais, surgiram e se espalharam pelo mundo. No Japão, um dos mais tradicionais é denominado *orizuru,* e representa um pássaro sagrado, símbolo de sorte, paz, felicidade e longevidade: o *tsuru.* Para nós, esta ave é o grou (ou cegonha), e ela é considerada a essência do *origami*. Conta uma lenda que a ave vive mil anos e que, quem dobrar mil *tsurus* com o pensamento voltado para aquilo que deseja alcançar, terá o desejo atendido.

Outro *origami* formal é o *noshi* – enfeite para embalagem ou embrulho de presente, que representa o desejo de felicidade a quem o recebe. Como japoneses e coreanos consideram a cor branca sagrada, dizem que todos os presentes deveriam ser embrulhados em branco. Não sendo possível, que se coloque um *noshi*, simbolizando o sagrado.

Há também o *kabuto*, que imita o elmo dos antigos samurais. Ainda no Japão atual



Kabutos: elmos de samurais

esse *origami* é usado no Dia dos Meninos, 5 de maio, com a finalidade de lhes trazer saúde e vigor.

Considerando a criatividade e o poder de transformação humanos, conclui-se que a milenar arte ultrapassou as fronteiras da origem e é recriada intensamente, perpassa segmentos sociais, aparece em livros infantis, e na decoração de ambientes temáticos e de solenidades.

Educadores acreditam que o *origami* tenha papel relevante no desenvolvimento intelectual da criança, por exigir concentração e habilidade manual. Por esta razão, em vários estabelecimentos, o ensino do *origami* é introduzido na educação infantil. Na atualidade, até a matemática estuda o *origami,* no campo da geometria. E especialistas em ciência do cérebro afirmam que a prática do *origami* aumenta a circulação sangüínea na área pré-frontal cerebral, ajudando a mente humana a funcionar melhor.

No Japão esta arte é divulgada entre crianças, jovens e idosos, seguindo tradições seculares e regras básicas como as que os papéis devem ser quadrados e sem cortes. Ressalta-se que esta arte está longe de ser exclusividade japonesa, até porque tanto os adeptos quanto os críticos estão em todo o mundo.

Em vários lugares as regras absolutas são substituídas pelo desafio à criatividade, originando formas, texturas e pluralidade de elementos, presentes no produto final. O respeito à autoria marca esse processo: é preciso deixar claro a todos as interferências existentes e a quem pertencem.

Hoje esta técnica é ensinada em cursos e oficinas de criatividade com papel. São feitos bonecos, figuras de divindades, representações de festas religiosas. Existem à venda vários tipos de papel colorido para *origami*, lisos, estampados, lisos de um lado estampados de outro, o que ajuda a dar asas à imaginação. Estes papéis considerados legítimos ou similares, de boa qualidade, permitem boas dobraduras, com vincos permanentes que enriquecem os pacotes de presentes, ou favorecem a criação de embalagens presenteáveis. Estas produções são chamadas de *origami* formal: uma bela sacola de papel (com dobraduras e encaixes), um porta-tudo, envelopes.

Ed. Global

Nesta época de festas, criemos cartões, presentes e imagens, desenvolvendo a criatividade e o sentimento de partilha. Quem sabe um presépio com dobraduras, guirlandas e enfeites de mesa, em montagens feitas em grupo...

EDWIGES ROSÁLIA FERREIRA
Pedagoga e especialista em Gestão de Educação Pública
Professora da Seeduc/RJ

CARTOLA
100 anos

Cartola não existiu, foi um sonho que a gente teve.

Nelson Sargento

WELINGTON MACHADO

Vou começar, pedindo licença para contar um caso pessoal. Trabalhei algum tempo numa livraria do centro da cidade. Um dia, estava lá, tentando atender da melhor forma possível um cliente que entrara na livraria – e tive essa impressão desde o início – não para comprar um livro ou se inteirar das novidades literárias ou passar um tempinho agradável, mas por alguma outra motivação, não me perguntem qual, que sou péssimo nisso de entender o que move as pessoas em determinadas situações. O fato é que o "cliente", com postura grave que ele entendia precisar ter para ser respeitado, me disse estar à procura de um livro de autor e título que me eram desconhecidos, fato bastante comum no dia-a-dia de um vendedor de livros. O assunto era sociologia. Esgotados os procedimentos de busca, voltei ao cliente para informá-lo da dificuldade de localizar o livro. Ele, após me ouvir sem muita atenção, declarou que já sabia que eu teria dificuldade, mas que o livro existia; ele o havia escrito. Desculpei-me e perguntei quem o editara, para que...

Nem me deixou concluir, dizendo que não tinha importância, mas que precisava ver outros livros. A partir daí foi um interminável processo de ouvir pedidos, trazer livros, empilhar livros à sua frente e ouvi-lo explanar sobre cada título e sobre cada autor pedido, encontrado ou não. Era um experto em títulos e autores dos mais variados assuntos das ciências sociais. Eu é que me descobri sem nenhuma esperteza para me livrar daquilo, antes que minha capacidade de tolerância se esgotasse. Num determinado momento, o colega da seção de música, pôs a tocar um disco de Cartola. Refugiei-me na música, e o deixei falando de títulos e de autores de livros, que já nem me dava ao trabalho de procurar. Ele queria falar, eu fingia ouvir e, com o canto de Cartola ao fundo, fui tolerando bem a situação. Em dado momento, ouvi o poeta cantando seu poema-canção *O mundo é um moinho*. Boca, olhos e mãos do suposto cliente falavam sem parar e eu nada ouvia; via um moinho a triturar palavras. Ao ouvir os versos *"vai triturar teus sonhos tão mesquinhos/vai reduzir as ilusões a pó"*, sem querer ofender o suposto autor de um livro, apontei com o dedo, como se visível fosse o som, e perguntei "Está vendo?". Ele interrompeu o que dizia e me olhou espantando, como a querer saber o que eu lhe mostrava. Eu disse: "Esse sim é que sabia das coisas. Não leu nada do que a gente vai passar a vida inteira tentando ler e produziu essa beleza toda.". E o suposto sociólogo, incrédulo: "Você acha mesmo?". Não respondi; ele não buscava resposta; disse-me apenas: "Pois fique aí, com seu *sambistazinho* de morro.". Pois fiquei. E lá se foi o presumido erudito, pouco grave no duro bater dos pés, ofendido talvez por alguma mancha de infâmia que o tenha atingido. Lembrei-me de Manuel Bandeira, em seu poema "Nova Poética":

Vai um sujeito,/ Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco/ muito bem engomada, e na primeira esquina/ passa um caminhão, salpica-lhe o paletó/ ou a calça de uma nódoa de lama:/ É a vida./ O poema deve ser como a nódoa

do brim:/ Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Em meio a estantes com centenas de livros já lidos, dezenas a reler, milhares ainda a ler, ouvindo Cartola fiquei; em harmonia com a beleza aberta da vida e com o mundo fechado dos livros. Uma cliente me tirou do estado de graça, mas houve justiça naquilo. Pediu-me para lhe mostrar o que tínhamos de Guimarães Rosa. Viu tudo no tempo exato de ouvir comigo o poeta cantando *As rosas não falam*. Escolheu três do Rosa. "Que fale o Rosa", pensei.

Em 11 de outubro passado, Cartola, que nasceu em 1908 e morreu aos 72 anos, faria 100. Há 28 ele não está entre nós. Não fossem essas pompas póstumas, nem me lembraria disso. Sua música é tão presente em minha vida, que não o penso como uma perda. Ouvi-lo é sempre um renovado ganho.

NO MOINHO DO MUNDO

Tomemos a letra de *O mundo é um moinho* e imaginemos Cartola a falar de si mesmo com os seus botões.

Ainda é cedo, amor, mal começaste a conhecer a vida – Aos 17 anos, o pedreiro Angenor de Oliveira já era Cartola, sambista conhecido no morro de Mangueira. O apelido surgiu, em virtude do chapéu com que o vaidoso pedreiro protegia os cabelos do pó do cimento. Compunha sambas e, mesmo sem acreditar que se comprassem sambas, vendeu alguns a cantores e "compositores" famosos na época. Com o parceiro Carlos Cachaça, fundou o Bloco dos Arengueiros, que logo deu origem a uma de nossas primeiras escolas de samba, a Estação Primeira de Mangueira, cujo nome e cujas cores, verde e rosa, foram escolhidos por Cartola, fundador, chefe de harmonia e compositor da Escola. Para ele, o verde significava esperança e o rosa, o amor. Como poderiam não combinar? Como poderia não dar certo? Cartola, aos 20 anos, já sabia. A Mangueira, fundada em 1928, fez seu primeiro e vitorioso desfile, na Praça XI, com samba de Cartola, *Chega de demanda*; e continua dando alegria, emoção e encantamento aos amantes do samba. É a mais popular entre todas as escolas.

Já anuncias a hora da partida, sem saber mesmo o rumo que irás tomar – No final dos anos 40, Cartola "sumiu" do morro da Mangueira e do mundo do samba. Dizem os biógrafos que se afastou por divergências com o pessoal da Escola, transformada em reduto eleitoreiro, e que fora para a baixada fluminense. Sobre o que fez para viver, em todo o período de sumiço, nada se diz. Sambar é que não sambava, pelo menos publicamente. Soube-se, depois, que ficara viúvo, contraíra meningite, já não podia trabalhar como pedreiro e que, por isso, aposentara a cartola e abandonara o morro. Deixemos que o poeta nos diga:

"Andei doente, depois perdi minha primeira mulher e acabei me metendo num negócio aí que nem vale a pena comentar. Não fiz nenhuma trapalhada, não. Foi um troço que aconteceu comigo que pode acontecer com qualquer um. Eu mesmo é que me escondi de todo mundo.(...) Eu não sumi coisa nenhuma. Eu estava com aquela mulher. Eu larguei tudo por causa daquela mulher. Larguei até a música, deixei até de tocar violão."

Dona Zica diz que ele estava com a Donária e que foram para Nilópolis. Cartola completa que de Nilópolis foram para o Caju. Ninguém, nenhum amigo tolerava a tal Donária, mulher metida em trapalhadas, segundo eles.

Preste atenção, querida, embora eu saiba que estás resolvida, em cada esquina cai um pouco a tua vida – O parceiro Carlos Cachaça é que conseguiu tirá-lo da Manilha, destruído, magro, sem dentes, com um narigão enorme deformado pela doença e bebendo demais. De volta ao morro de Mangueira, Zica o acolheu. O chapéu de pedreiro, que se fez cartola – e cartola de mágico que, como sabemos, é pletora de maravilhas!– onde andaria? Usaria ainda sua "cartola protetora" o poeta, que pedreiro já não era? Quem saberia dizer? Em meados dos anos 50, nosso poeta é encontrado pelo sempre iluminado cronista Sergio Porto, o Stanislaw Ponte Preta. "Você não é o Cartola?", perguntou a um lavador de carros que viu trabalhando numa garagem, em Ipanema. "Sou.", respondeu-lhe o homem. Muito tempo se passou e ali estava, ainda Cartola, ainda o poeta, negando a profecia da letra da música, onde diz ***que em pouco tempo não serás mais o que és.***

Ouça-me bem, amor; presta atenção, o mundo é um moinho – Das águas do lava-carros Cartola foi trazido de volta ao samba, ajudado por Stanislaw. Voltou a cantar na Rádio Mayrinck Veiga e arranjou trabalho no "Diário Carioca". Como Zica, as águas do samba também o acolheram e ele pôde

seguir, em curso tranqüilo, para mostrar o grande artista que sempre foi e ganhar cada vez maior popularidade, mesmo sem gravar discos. Com Zica, que conhecia desde antes do Arengueiros, abriu, em 1960, o botequim ZiCartola, ponto de encontro de velhos e novos sambistas, agregando artistas e intelectuais da zona sul do Rio, numa exemplar confraria morro-asfalto. Casou-se com Zica, em 1964, sem os clarins da banda militar, por favor!

Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos, vai reduzir as ilusões a pó – Mesquinhez triturada, no rolar das águas do moinho do mundo, chega a hora do poeta sacudir o pó, para, já sem o resquício das velhas ilusões, prosseguir negando os vaticínios do poema-canção.

Presta atenção, querida, de cada amor tu herdarás só o cinismo – Já ao lado de Dona Zica, compõe outro de seus muitos poemas-canções, *As rosas não falam.* O mote foi o seguinte: Dona Zica, perguntou a Cartola por que nasciam tantas rosas em seu quintal. A resposta do poeta veio, sem cinismo algum, "Não sei, Zica. As rosas não falam". Poesia pura, a mesma que jorra de seus muitos poemas-canções. Citamos, sem qualquer outra ordem que não a da memória: *O mundo é um moinho; Tive sim; Sala de recepção; Tempos idos* (com Carlos Cachaça); *Alvorada* (com Cachaça e Hermínio Bello); *O inverno do meu tempo* (com Roberto Nascimento); *Nós dois* (composta dois dias antes de seu casamento com Zica); *O sol nascerá* e *Peito vazio* (parcerias com Elton Medeiros); *Ensaboa Mulata; Cordas de aço; Acontece; Autonomia; Verde que te quero rosa, Disfarça e chora* e *Corra e olhe o céu* (parcerias com Dalmo Casteli); e muito mais. Somente em 1974, Cartola gravará seu primeiro disco, pela gravadora Marcus Pereira.

Quando notares, estás à beira do abismo, abismo que cavaste com teus pés – O poeta, que vendia sambas, mesmo sem acreditar que comprassem sambas, também teve dificuldade de acreditar que gravara um disco. Precisou ouvir sua voz gravada e ver seu disco vendido nas lojas. Depoimento dele:

"Mesmo depois da gravação eu não acreditava. Precisei ter o disco na mão. Precisei ver ele sendo vendido, nas lojas, para acreditar. E me senti muito emocionado quando ouvi minha voz no disco. Eu já tinha até pensado que ia morrer sem gravar."

Parece que, à beira do abismo, a água do moinho começou a rolar em sentido contrário, para trazer-nos de volta, enriquecido de poesia, o poeta com sua cartola de mágico. Vai morrer sim, poeta; todos temos de morrer um dia; e você vai morrendo aos pouquinhos, à medida que for morrendo cada um dos que ouvem, e muitos ainda ouvirão, seus poemas-canções como ganho sempre renovado; e estará vivo, enquanto sua poesia, beleza roubada da vida, for ouvida como parte da vida, nela sempre resposta pelo moinho do mundo. Cartola é isso: água da poesia movendo o moinho do mundo.

MÓ DO TEMPO

Sambistazinha de morro... Lembro-me do desprezo com que aquele outro triturou tais palavras entre os dentes. Não entremos na polêmica entre o que seja poema e o que seja letra de música. Letra de música não é poema, e pronto! Poema é poema; letra de música é letra de música; é tautológico sim, e pronto! Só mesmo uma tautologia grosseira, para pôr fim a discussões que já nascem vazias. Concordamos que não são o mesmo produto; o modo de produção é diferente. A poesia, sim, está em ambos e é a ambos apropriada. Concordamos que nem todos os "letristas" são poetas, como não o são alguns que escrevem "poemas". Por isso pudemos dizer aqui *poeta do samba, poemas-canções*, sem medo de que vejam nisso uma separação de grandezas a diminuir o valor desses em comparação com o daqueles. São todos poetas, e pronto! O que dizer de Noel? E de Catulo da Paixão? E de Chico Buarque? E de Caetano Veloso? E do já saudoso Caymmi? E de tantos outros? São, sim, poetas, e de uma tal poesia que põe fim a toda polêmica. Resta o preconceito, mas este fica com aqueles que têm problema de origem.

Os livros continuam ali, nas estantes, mundos fechados, muitos deles a guardar beleza, as rosas da vida. As rosas, já sabemos todos, não falam; exalam o perfume que roubam da flor. Cartola, ainda hoje, está conosco, a exalar a beleza que, no moinho do mundo, foi guardando da vida. Salve, poeta!

WELINGTON MACHADO
Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Ouça canções de Cartola: *http://br.youtube.com; www.cartola.org.br;cliquemusic.uol.com.br/artistas/cartola.asp; www.tvcultura.com.br/; www.cartola.org.br/cartola*

A Matemática no Universo: do macro ao microcosmo

Fig.1 - Imagem do universo:oficina. cienciaviva.pt

Amelia Maria Noronha Pessoa de Queiroz

Olhando para o céu à noite, a olho nu, em lugar onde não haja poluição, o que raramente acontece nas grandes cidades mas é freqüente no interior, vemos uma mancha esbranquiçada parecendo nuvem. É a *Via Láctea*, galáxia em forma de espiral, cheia de estrelas, sendo o Sol uma delas. E através de telescópio, teremos visão mais nítida das estrelas que compõem a Via Láctea.

À medida que a ciência e a tecnologia avançam, os telescópios ganham potência e novas tecnologias permitem capturar imagens de astros a incomensuráveis distâncias, ficando cada vez mais esclarecida, embora mais complexa, a relação da Terra com o Universo.

Ao estudar nosso planeta, abordamos sua forma, seus movimentos, entretanto ignoramos a contribuição da Matemática em seu estudo.

Sabemos onde fica, que se move, mas... a que velocidade? Aprendemos que, fisicamente, ela tem forma quase esférica. Muitos se perguntam como não nos desequilibramos e caímos de cima dela.

Os antigos achavam que a Terra era plana. Depois constataram que não era exatamente assim, ao olhar para o horizonte e percebê-lo arredondado: quando uma embarcação ia para muito longe, ela desaparecia lentamente. Descobriram, então, que ela deveria ser arredondada. Em seguida observaram que ela era ovalada, mas não tanto quanto uma bola de futebol americano. E de descoberta em descoberta, chegaram à conclusão de que sua forma era esférica e um pouco achatada nos pólos norte e sul.

Assim, foi sendo construído o conhecimento da Terra, sempre recorrendo à Matemática. Para melhor compreender o assunto, algumas definições são importantes: a linha imaginária que passa pelo centro da Terra, de pólo a pólo, e em torno da qual ela gira, é o *eixo de rotação* da Terra; o plano que passa pelo centro da Terra, em sua maior circunferência e perpendicular ao eixo, define a linha imaginária chamada de *equador*. Esta linha divide a Terra em hemisfério norte e hemisfério sul.

Galileu, observando o céu através de seu invento, a *luneta astronômica*, descobriu que a aparente nuvem branca que possuía uns pontos de luz mais fortes era uma galáxia. Em estudos posteriores, concluiu que o planeta Terra a ela pertencia, como elemento do sistema, tendo o Sol como centro. Ela é composta de bilhões de estrelas, gases, poeira e matéria escura. Foi chamada *Via Láctea* – caminho leitoso – por sua aparência (fig.1).

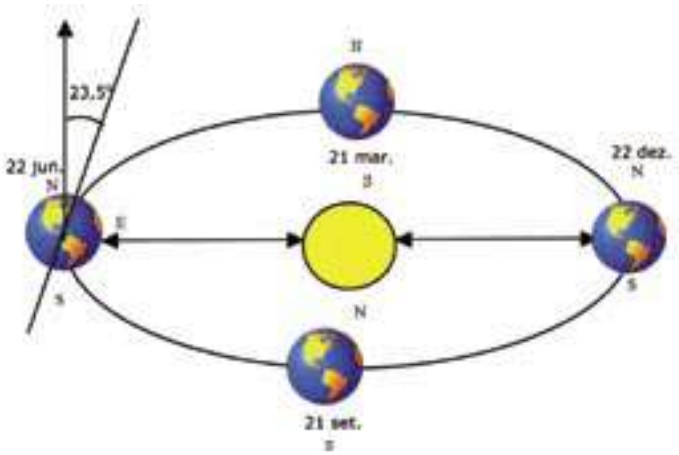


Fig.2

Apesar de passar despercebido ao homem, descobriu também que o planeta Terra se movia e, mais tarde, como se movia realizando movimentos a velocidades muito altas.

Um ponto qualquer na linha do equador gira em volta do Sol à velocidade aproximada de 1.660 km por hora, e o Sol se desloca através da nossa galáxia a uns 240 km por segundo, de acordo com os conhecimentos de que dispomos hoje.

Um dos movimentos da Terra é a *rotação*, em torno de seu próprio eixo, de oeste para leste, e a cada 24 horas, determinando o ciclo noite-dia. Aparentemente, o Sol é que surge (a leste) e desaparece no horizonte (a oeste), mas, na realidade, é a Terra que está girando. O mesmo ocorre com as estrelas, que parecem mudar de posição, enquanto somos nós que estamos rodando!

Até há pouco tempo, considerava-se apenas um outro movimento: translação do eixo em torno do qual a Terra girava, segundo a elipse do movimento do sistema Terra-Lua em torno do Sol (fig.2). Entretanto, descobriu-se que este movimento, chamado *precessão*, levava 26.000 anos para se completar: a Terra oscilava, como um pião, descrevendo um cone elíptico, num movimento sinuoso, periódico, que foi chamado *nutação*.

Esse movimento leva aproximadamente 365,25 dias (ou 365 dias e 6 horas) para uma volta completa, medida de tempo chamada *ano*. A parte decimal deste número é compensada, de quatro em quatro anos por um dia a mais no calendário (29 de fevereiro), caracterizando o ano bissexto, que tem 366 dias.

Como essa trajetória tem a forma elíptica, ora certos pontos da Terra estão mais próximos, ora mais longe do Sol, conforme o hemisfério.

Foi chamado *equinócio* a época do ano em que o Sol corta o plano do equador celeste (fig.2), o que acontece entre 21 e 22 de março, marcando o início do outono no hemisfério sul e o da primavera no hemisfério norte e, também, nos dias 21 ou 22 de setembro, o início da primavera no hemisfério sul e o do outono no hemisfério norte. Nos equinócios, o dia e a noite têm duração semelhante.

Chamou-se *solstício* cada um dos pontos da eclíptica que ficam nos extremos opostos do equador celeste (fig.2), o que acontece nos dias 21 de junho, início do inverno (dia mais curto do ano) no hemisfério sul, e do verão no hemisfério norte (o pólo norte está mais voltado para o Sol); e entre 21 e 22 de dezembro, marcando o início do verão no hemisfério sul (dia mais longo do ano), e o do inverno, no hemisfério norte (o pólo norte está voltado em direção oposta ao Sol).

Estes movimentos, portanto, seguem curvas geométricas padronizadas: eclíptica (uma elipse), secção de um cone elíptico, ou de duas folhas (figs. 3a, 3b e 3c) e a curva periódica, que pode ser representada por uma *senóide*, curva tipo a da função seno, estudada em Trigonometria (fig.4).

A Terra. José Olympio Ed., 1970

Fig.3a

Fig.3b

Fig.3c

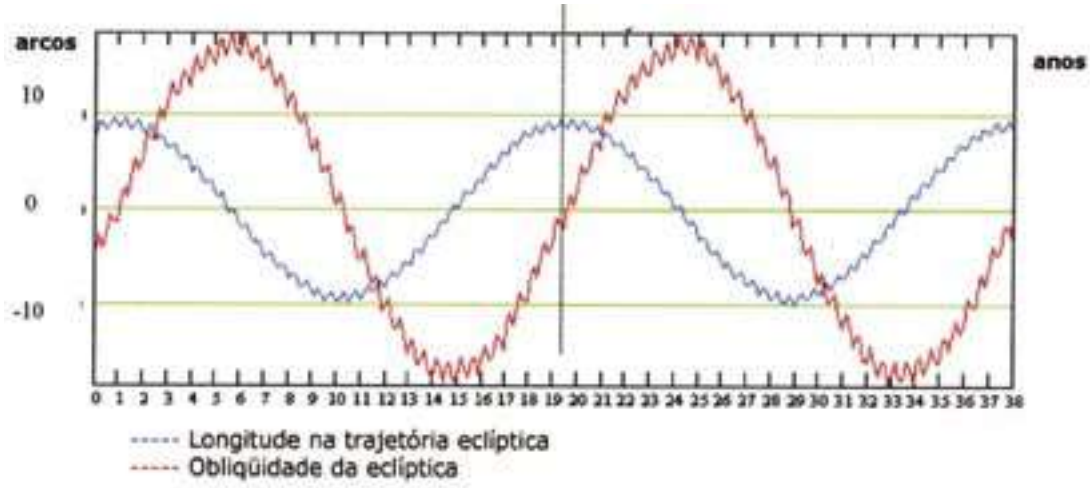


Fig.4

Acima observamos que as curvas representativas dos ciclos da nutação anual da Terra – cujo ciclo corresponde a 19 anos (fig. 4) – têm a mesma forma das funções seno e cosseno.

Os antigos se orientavam pelos astros, sobretudo em suas atividades agrícolas: plantavam segundo as estações do ano. Perceberam, pela observação, o movimento aparente das estrelas e, portanto, das constelações (conjunto imaginário de estrelas). Definiram 13 constelações, mas reduziram-nas a 12, por causa do sistema de numeração duodecimal (base 12) usado na Antigüidade, a fim de facilitar seus cálculos. Atribuíram-lhes nomes de animais por sua aparente forma animal, tais como: Áries (carneiro), Touro, Leão, Câncer, Escorpião, Capricórnio, Peixes. Estas constelações se situam sobre a aparente trajetória circular do Sol, a *eclíptica*.

Quanto ao movimento aparente do Sol no céu, não é um círculo, mas uma espiral: em cada volta ele continua sua caminhada um pouco além de onde começou (fig.3c).

No macrocosmo, as distâncias são medidas por anos-luz, equivalentes a aproximadamente 10 bilhões de (10^9) quilômetros ao microcosmo. O diâmetro da Via Láctea tem aproximadamente 100.000 anos-luz. A distância da Terra ao Sol é de 8 minutos-luz, portanto, se ele explodisse, levaria 8 minutos para os efeitos chegarem à Terra.

No microcosmo, a largura de um nucleotídeo (unidades repetidas que formam o DNA) é de aproximadamente 2,2 nanômetros (um nanômetro correspondendo a um bilionésimo do metro, 10^{-9} metros).

Observando as figuras 5a e 5b, vemos que, tanto a estrutura do DNA como a da proteína têm a forma de hélice.

Curiosamente, tanto o pensamento matemático, o desenvolvimento cognitivo, a linguagem quanto o universo evoluem segundo o mesmo movimento: o de uma espiral ascendente ou uma hélice.

Hoje o universo de nosso conhecimento se amplia cada vez mais, do macro ao microcosmo, dando-nos, inversamente, a sensação do quão pouco conhecemos de nossa realidade.

Neste artigo, passamos por vários conteúdos matemáticos: noção de tempo e espaço, sistemas de numeração, ângulos, geometria – figuras geométricas no plano e no espaço, diferentes unidades de medida de comprimento, de tempo, com seus múltiplos e submúltiplos, noções de homotetia, funções, trigonometria, velocidade. Assim, a Matemática perpassa os avanços científicos, embasando-os e realimentando-os.

Fig.5a

Fig.5b

Amelia Maria Noronha Pessoa de Queiroz
Doutora em Educação
Ex-Professora de Matemática da PUC-Rio
Ex-Diretora do Departamento de Ensino da Seeduc/RJ

O QUE É *MANGÁ?*

Personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo

FÁBIO SHIN

Mangá é o nome das histórias em quadrinhos japonesas. A palavra junta dois vocábulos: *man* – involuntário, e *gá* – imagem. Quanto a *Anime,* são animações japonesas, oriundas da palavra americana *Animation*.

Os *mangás* se diferenciam dos quadrinhos ocidentais por sua origem e por utilizar uma representação gráfica peculiar. Para começar, os caracteres japoneses se constituem de ideogramas que representam sons e idéias. Assim, num *mangá* o texto e sobretudo as onomatopéias fazem parte da arte. A ordem de leitura dos *mangás* também difere da que estamos acostumados. Um livro japonês começa pelo que seria o fim para os ocidentais. Além disso, o texto é disposto da direita para a esquerda.

Outra peculiaridade dos *mangás* é que são publicados em volumes de umas 200 páginas cada, o que permite aos autores criar histórias mais longas e aprofundadas. Dessa forma, num *mangá* é comum haver páginas só de imagens, sem diálogos, e ações que se desenrolam em muitos quadrinhos, abordando diferentes pontos de vista. Os quadrinhos na página de *mangá* diferem dos *comics* americanos, tendo 3 ou 4 fileiras de quadrinhos por página. Como os *mangakás* (autores de *mangás*) dispõem de espaço maior para contar sua história, empregam número menor de quadrinhos por página, e não é raro ver-se página com uma única imagem estourada.

Outra característica dos mangás é serem feitos em preto-e-branco e em papel jornal, tornando o produto mais barato e consumido por todo tipo de pessoa. No Japão são lidos por crianças, estudantes, executivos, donas-de-casa...

São essas algumas das características dos *mangás*. Mas o principal é que eles encantam pessoas do mundo todo. Ler um *mangá* é uma experiência única. É mergulhar em um mundo próprio. Cheio de ação, emoção, heróis, criaturas mágicas e muita, muita diversão.

OTAKU

Principal termo dos universos *anime* e *mangá,* a palavra *Otaku*, no Japão, designa um fanático por determinado assunto, qualquer que seja. No imaginário japonês, os *otakus* são indivíduos com tendência a se isolar socialmente, que se atiram de forma obsessiva a um *hobby* qualquer, chegando ao ponto de apresentarem sintomas de fobia social e de comportamento esquivo.

No ocidente, a palavra é uma gíria para rotular fãs de *animes* e *mangás* em geral, clara mudança de sentido em relação à origem do termo. Muitos acham o termo ofensivo, por não concordarem com a distorção de sentido, e se recusam a ser chamados assim. O termo só é usado entre fãs de *anime* e *mangás* e falantes de japonês, permanecendo ainda desconhecido do grande público.

NIKAYOU MANGÁ

A palavra japonesa *nikayou* significa "parece-se", ou ainda, "assemelha-se". Sendo o estilo do quadrinho japonês, o *mangá* tornou-se conhecido e apreciado no ocidente, identificado pelos olhos grandes, alegres e coloridos. *Nikayou mangá* constitui a nossa caricatura, só que em estilo *mangá*.

Na caricatura tradicional, o desenhista realça traços físicos que chamam atenção na pessoa, tornando-a engraçada. No *nikayou* o modelo é caricaturado no estilo *mangá*, realçando detalhes como olhos, cabelos, sorrisos, objetos particulares, marcas... Além de constituir estilo mais jovial e atraente, o *mangá* é um traçado que pode ser adaptado para qualquer pessoa, sem restrição de idade ou porte físico. Esse trabalho faz grande sucesso, atingindo todos os públicos, de crianças a idosos.

O *nikayou mangá* foi desenvolvido e criado por Fabio Shin e a equipe do *Mangá Studio Japan Sunset*, em 1997, e alcançou reconhecimento internacional pelas entidades do ramo. O *nikayou mangá* é novidade e sucesso de público em qualquer tipo de evento, sem restrições, pois foi desenvolvido para entreter, divertir e aproximar pessoas pela arte do desenho japonês, que vem crescendo de forma espantosa em todo o mundo.

Sobre Fabio Shin, sua escola e seu estúdio

Fabio Shin, nome artístico do *mangaká* paulista Fábio Pontes Ramon Felin, desde os 5 anos desenha *mangás* e, aos 11, já trabalhava para jornais de bairro. Foi o primeiro professor de *mangá* do bairro da Liberdade, em São Paulo (1997), mesmo não sendo descendente de japoneses. Este apelido, "Shin", dado por um livreiro desse bairro, significa "coração" ou "sentimento do coração", pois ele percebeu que, ao desenhar, Fabio transmitia sentimentos para o desenho, mesmo sem o perceber.

Além de professor e desenhista de *mangá*, criou, em 1996, a *Japan Sunset*, uma das escolas mais tradicionais que ensinam as técnicas do *mangá*. Dentre os trabalhos da *Japan Sunset,* destacam-se eventos do gênero e sobre cultura japonesa, desenvolvimento de mascotes de empresas, produtos, brindes, e histórias em quadrinhos para empresas e editoras.

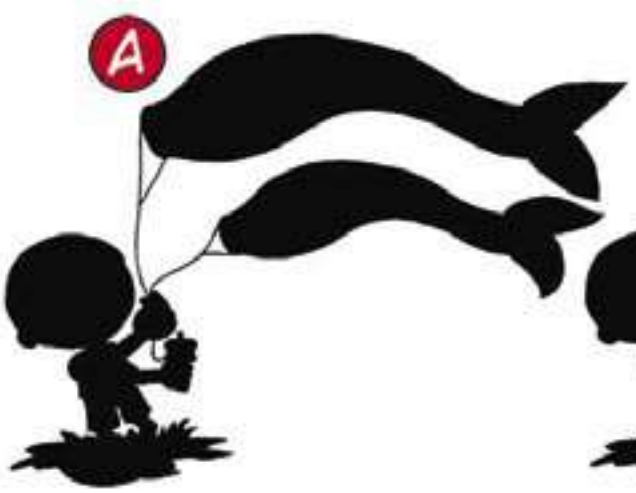
Sempre inovando o mercado, criou também o *Mangá Studio Japan Sunset,* referência para o fã e o artista de *mangá,* que realiza e organiza eventos no Brasil. Seu trabalho é referência para editoras e profissionais do gênero dessa arte, e em estúdios de criação e animação. Prestou serviços para empresas, com eventos de promoção, e foi contratado pelo Método de Ensino Anglo como ilustrador e chefe de produção de apostilas em estilo *mangá*, ganhando destaque na mídia. Já realizou também exposições e oficinas culturais para bibliotecas de São Paulo.

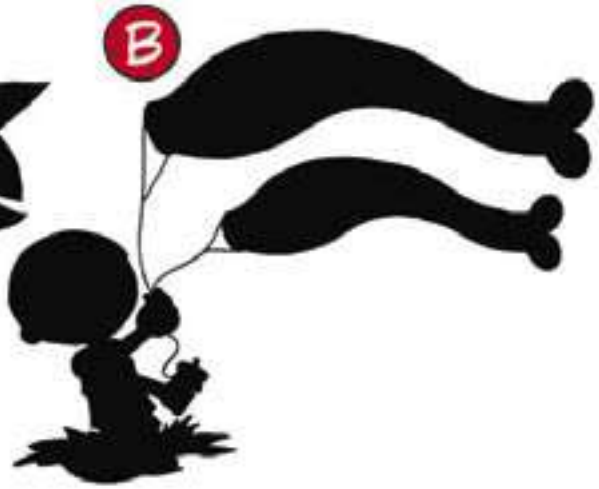
Para conhecer melhor o trabalho do *Mangá Studio Japan Sunset,* acesse www.fabioshin.com

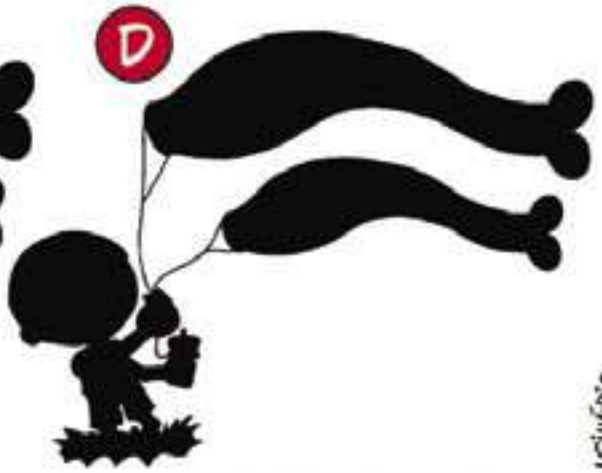
Consulte também o livro *Papel e tinta: artes do Japão*, de Nereide Schilaro Santa Rosa, ed.Callis, às páginas 66 a 71, para saber o passo a passo do método de Fabio Shin de como desenhar um rosto em estilo *mangá.*

SILHUETAS

DESCUBRA QUAL DAS SOMBRAS ABAIXO PERTENCE À FIGURA AO LADO.







A revista está ótima, cada vez mais informativa. Espero realmente que os professores saibam usá-la no aprimoramento de seus alunos.

ANTONIO OLINTO

Passei os olhos na revista, que me pareceu de excelente qualidade. E vi a matéria sobre a Missa do Galo…

NÉLIDA PIÑON

O trabalho está muito bonito.

ARNALDO NISKIER

Que bela surpresa! Estou num aeroporto entre SãoLuis e São Paulo e dou de cara com essa competente publicação. Vou indicá-la a alguns amigos, sobretudo na França.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

A Revista está trabalhada com muito amor e dedicação! Excelente escolha dos artigos.

ARR

A Revista Eucação em linha não deveria ter esse nome, tal a abragência de seu conteúdo. Eu acho que a preciosidade dos artigos e dos textos equivale a um Curso de Literatura a distância. O material é de excelente qualidade e vocês poderiam pensar nessa possibilidade.

LG

Adorei a revista! Vocês estão de parabéns. Concordo com quem, no espaço da correspondência, disse que gostaria de vê-la impressa.

LC

Gostamos muito da revista! É uma iniciativa muito bacana levar este nível de informação e cultura aos nossos professores. Parabéns!

VG

O revista está ótima, cada vez mais informativa. Espero realmente que os professores saibam usá-la, no aprimoramento de seus alunos.

AS

Pena que não conhecia a publicação de vocês a tempo de lhe sugerir Daniel Pennac.

CB

A edição saiu ainda mais cuidada e atraente. É assim que se faz, e a gente continua aprendendo. Adorei os textos sobre Guimarães e Machado.

WMM

Este rico material deveria, também, ser publicado em forma de coleção. Tenho certeza que assuntos ligados a didática, tecnologia educacional, psicologia e outros, serão abordados no futuro e, então, teríamos recursos para manusear, rabiscar, tirar cópia, preparar slides e tudo mais que um professor precisa para suas aulas.

PPG

Obrigada! A edição está linda! Uma delícia de ler!.

AA

Sou diretora de uma escola estadual. Como faço para receber os exemplares da revista Educação em linha em minha escola?

RMS

Adorei! Vou virar leitor assíduo, adorei o Passatempo!!!!

PBL

Xilogravura de Tori Kiyonaga (1752-1815), Museu Nacional de Tóquio

Leciono Língua Portuguesa e Literatura no CIEP 167 – Jardim Paraiso, em Nova Iguaçu. Vi um exemplar da revista no site e gostei muito. Já separei algumas matérias para trabalhar em sala com os alunos. Vocês estão de parabéns, a revista é ótima.

EF

Como faço para receber as edições da revista? Elas têm temas muito importantes e altamente relevantes para minha disciplina.

EF

Sou recém-graduada em Pedagogia e tenho acessado sempre os sites educacionais e das secretarias de educação. (…) tive a grata surpresa de ver a revista Educação em linha. Gostaria de saber como posso adquirir o exemplar da revista, pois não posso fazer leituras no computador por muito tempo, e o exemplar impresso é mais fácil de ler. Parábens pela publicação, e grata por sua atenção.

LDR

Sou professora da Rede Estadual e gostaria de saber como posso adquirir os exemplares desta revista. Trabalho no Colégio Estadual Barão do Rio Bonito, de Barra do Piraí. Desde já agradeço.

Lili

Sou Pedagoga e Professora de Geografia do Ensino Fundamental e Médio. Atualmente trabalho como Supervisora Pedagógica do C.E. Amaro Cavalcanti. Tenho todos os números da revista arquivados no pen drive. Faço consultas, tiro sugestões e, é claro, se a revista estivesse impressa seria bem melhor.

HPO

Amigos, agradecemos os elogios e as palavras de estímulo. Como anunciamos no editorial, em 2009 as edições da revista serão também impressas, incluindo-se as edições 5 e 6 deste ano.

OS EDITORES

Oshi-ê, Anna Minaco Iwakami, ICBJ/RJ

INSTITUTO CULTURAL BRASIL-JAPAO
リオ・デ・ジャネイロ 日伯文化協会

Cursos

Ábaco – Soroban

Arranjos florais – Ikebana

Bonecas de tecido em alto relevo – Oshi-ê

Caligrafia artística – Shodô

Cerimônia do chá – Chanoyu

Culinária japonesa – Nihon ryori, Sushi e Sashimi

Desenho – Mangá

Dobradura em papel – Origami

Pintura clássica – Nihon Ga

Japonês – conversação e escrita

Av. Franklin Roosevelt, 39, salas 1507/12
Centro. Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 2220-7877 Fax.: 2240-4692
icbj@nethall.com.br

Centro Cultural e Informativo do Consulado do Japão no Rio de Janeiro

Espaço cultural

Biblioteca e filmoteca

Eventos Culturais

Intercâmbio cultural

Bolsas de estudos de Língua e Cultura Japonesa

Boletim informativo Japão Atual

Av. Presidente Wilson, 231, salas 1503/4
Centro. Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 2220-2383 Fax.: 2220-7744
www.rio.br.emb-japan.go.jp